

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE LÍNGUAS

ROSANGELA FERREIRA DA SILVEIRA

**A GRAVURA COMO FERRAMENTA PARA PRODUÇÃO DE SENTIDO E
AUTORIA NOS ANOS INICIAIS SOB O ÂMBITO DA ANÁLISE DO
DISCURSO**

Bagé

2022

ROSANGELA FERREIRA DA SILVEIRA

**A GRAVURA COMO FERRAMENTA PARA PRODUÇÃO DE SENTIDO E
AUTORIA NOS ANOS INICIAIS SOB O ÂMBITO DA ANÁLISE DO
DISCURSO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Mestrado Profissional do Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Fernandes

Bagé

2022

ROSANGELA FERREIRA DA SILVEIRA

**A GRAVURA COMO FERRAMENTA PARA PRODUÇÃO DE SENTIDO E
AUTORIA NOS ANOS INICIAIS SOB O ÂMBITO DA ANÁLISE DO
DISCURSO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Letras.

Dissertação defendida e aprovada em: 30 de abril de 2022.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Carolina Fernandes

Orientadora

(Unipampa)

Profa. Dra. Luciene Jung de Campos

(UCS)

Profa. Dra. Camila Gonçalves dos Santos do Canto

(Unipampa)



Assinado eletronicamente por **CAROLINA FERNANDES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 30/04/2022, às 10:26, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CAMILA GONCALVES DOS SANTOS DO CANTO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 30/04/2022, às 10:38, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0797693** e o código CRC **6ED82DCE**.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

S5587g Silveira, Rosangela Ferreira da

A gravura como ferramenta para produção de sentido e
autoria nos anos iniciais sob o âmbito da Análise do Discurso
/ Rosangela Ferreira da Silveira.

78 p.

Dissertação(Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa,
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE LÍNGUAS, 2022.

"Orientação: Carolina Fernandes".

1. Análise do Discurso. 2. produção de sentido. 3. autoria.
4. paráfrase. 5. polissemia. I. Título.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus por ter me guiado até aqui, e aos meus pais pelos exemplos de vida que primaram pela ética e confiança. Agradeço aos meus alunos o convívio na sala de aula, cada um com sua essência, fortalecendo laços, questionando nos convidam a continuar a caminhada. Agradeço aos colegas por tornarem a escola um espaço de trocas, experiências e acolhedor. Agradeço à equipe diretiva da EMEF Kalil A Kalil, que me proporcionou realizar a pesquisa nas turmas de 5º ano. Obrigada as professoras Lilah e Andreia, que gentilmente me auxiliaram quando apliquei a pesquisa com seus alunos. Agradeço aos professores universitários das instituições que frequentei, a URCAMP, UERGS e UNIPAMPA, que fizeram a diferença nas minhas escolhas. Obrigada a todas as pessoas que contribuíram com esta pesquisa. Agradeço às professoras Camila do Canto e Luciene Jung de Campos por todas as sugestões ao participarem da qualificação do meu trabalho. Agradeço imensamente a minha orientadora, professora Carolina Fernandes. Professora Carolina, obrigada pelo bálsamo da sabedoria que me auxiliou a alcançar essa meta que, por vezes, se mostrava distante, porém, conduziu-me com paciência e seus ensinamentos foram valiosas contribuições para a minha formação docente.

*Poncho molhado,
o olhar na tropa
e no horizonte
Vai o tropeiro
devagar estrada afora
A chuva encharca
está chovendo desde "ontante"
Dói dentro d'alma essa demora
Irmão do gado
ele se sente nessa hora
E o seu destino
também vai nesse reponte
Igual a tropa
nesse tranco estrada afora
Sempre encharcado de horizontes
A tropa segue devagar
mugindo tonta
Talvez pressinta
que seu fim é o matadouro
E o tropeiro entristecido se dá conta
O boi é bicho,
mas tem alma sob o couro
O boi é bicho,
mas tem alma sob o couro.*

Poncho molhado

Composição: Everton Ferreira

José Hilário Retamozzo

RESUMO

A presente dissertação apresenta os resultados de uma pesquisa intervencionista com o objetivo de compreender a produção da autoria de alunos dos anos iniciais a partir da aprendizagem da técnica da gravura em aulas de artes. Através da análise dos discursos dos alunos sobre suas produções, buscamos aprimorar a unidade didática aplicada para desenvolver um roteiro pedagógico como Produto Pedagógico. O planejamento da Intervenção Pedagógica pautou-se nas obras dos artistas plásticos, Danúbio Gonçalves, Carlos Scliar, Glauco Rodrigues e Glenio Bianchetti, que serviram de base para que os alunos produzissem sentido em relação à cultura local utilizando a técnica da gravura como ferramenta. As materialidades significantes que compõe o *corpus* de análise foram agrupadas em dois recortes discursivos com base nos processos de paráfrase e polissemia, os quais dispusemos em blocos de sequências discursivas compostas por produções visuais e verbais dos alunos. Os materiais coletados na intervenção foram selecionados com base no objetivo geral da pesquisa que investigou e discutiu os procedimentos pedagógicos de desenvolvimento da autoria do texto visual por meio da análise, da qual, os alunos produziram gestos singulares de interpretação sobre a cultura local. Os objetivos específicos da pesquisa centraram-se na análise das produções observando o desenvolvimento da autoria, os gestos de interpretação e os procedimentos pedagógicos que estimularam a polissemia em sala de aula sobre o tema proposto. Seguindo a Análise do Discurso, podemos considerar a imagem como um “texto visual” (FERNANDES, 2017), assim partiremos do pressuposto de que tanto as produções visuais dos alunos quanto as obras dos artistas renomados são textos que materializam pela linguagem imagética discursos sobre a cultura local. Assim, observamos, a partir das condições de produção, o modo como o sujeito-aluno produz sentidos para as obras: “Salga”, “Carneadores”, “A Espera”, “Carroça e Carreta no Galpão”, “São Sebastião e Santa Thereza D’Avila”, dos artistas do Grupo da Gravura de Bagé. O aporte teórico da pesquisa está embasado na Análise do Discurso materialista de Michel Pêcheux, e mobilizou conceitos como discurso, sujeito, autor, cultura, polissemia, paráfrase, discurso pedagógico lúdico e polêmico, com base nos autores Orlandi (2012), Fernandes (2017), Luciene Campos (2010), Indursky (2008) e Assolini (2008), Certeau (2005), Bhabha (1998), De Nardi (2007) e Althusser (1970), Zapelini (2016) e Lowenfeld (1977). Após a análise do *corpus* e a reflexão sobre a intervenção, foi possível elaborar um roteiro pedagógico que contém sugestões e instruções para auxiliar o professor que desejar trabalhar com texto visual e cultura local.

Palavras-chave: Análise do Discurso; produção de sentidos; autoria; paráfrase; polissemia; gravura.

RESUMEN

Esta tesis presenta los resultados de una investigación intervencionista con el objetivo de comprender la producción de la autoría de los estudiantes desde los primeros años a partir del aprendizaje de la técnica del grabado en las clases de artes. A través del análisis de los discursos de los estudiantes sobre sus producciones, buscamos mejorar la unidad didáctica aplicada para desarrollar un guión pedagógico como Producto Pedagógico. La planificación de la Intervención Pedagógica se basó en las obras de los artistas Danubio Gonçalves, Carlos Scliar, Glauco Rodrigues y Glenio Bianchetti, quienes sirvieron de base para que los estudiantes produjeran significado en relación con la cultura local utilizando la técnica del grabado como herramienta. Las materialidades significativas que componen el *corpus de análisis* se agruparon en dos recortes discursivos basados en los procesos de paráfrasis y polisemia, que teníamos en bloques de secuencias discursivas compuestas por producciones visuales y verbales de los estudiantes. Los materiales recogidos en la intervención fueron seleccionados en base al objetivo general de la investigación que investigó y discutió los procedimientos pedagógicos para el desarrollo de la autoría visual del texto a través del análisis, a partir del cual los estudiantes produjeron gestos singulares de interpretación sobre la cultura local. Los objetivos específicos de la investigación se centraron en el análisis de las producciones observando el desarrollo de la autoría, los gestos de interpretación y los procedimientos pedagógicos que estimularon la polisemia en el aula sobre el tema propuesto. Siguiendo el análisis del discurso, podemos considerar la imagen como un "texto visual" (FERNANDES, 2017), por lo que asumiremos que tanto las producciones visuales de los estudiantes como las obras de artistas de renombre son textos que se materializan por el lenguaje de la imaginaria discursos sobre la cultura local. Así, a partir de las condiciones de producción, observamos la forma en que el sujeto-estudiante produce significados para las obras: "Salga", "Carneadores", "A Espera", "Carroça e Carreta no Galpão", "São Sebastião e Santa Thereza D'Avila", de los artistas del Grupo de Grabado Bagé. La contribución teórica de la investigación se basa en el Análisis del Discurso materialista de Michel Pêcheux, y en conceptos movilizados como discurso, sujeto, autor, cultura, polisemia, paráfrasis, discurso pedagógico lúdico y controvertido, basado en los autores Orlandi (2012), Fernandes (2017), Luciene Campos (2010), Indursky (2008) y Assolini (2008), Certeau (2005), Bhabha (1998), De Nardi (2007) y Althusser (1970), Zapelini (2016) y Lowenfeld (1977). Tras el análisis *del corpus* y la reflexión sobre la intervención, fue posible elaborar un guión pedagógico que contiene sugerencias e instrucciones para asistir al docente que desee trabajar con el texto visual y la cultura local.

Palabras clave: Análisis del discurso; producción de sentidos; autoría; paráfrasis; polisemia; grabado.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Catedral de São Sebastião	32
Figura 02- Palacete Pedro Osório	32
Figura 03 - Procissão Luminosa	33
Figura 04- Varal de Charque	34
Figura 05 - Obra Salga	44
Figura 06 - Obra A Espera	46
Figura 07 - Obra Carneadores	48
Figura 08 - Obra Carroça	49
Figura 09 - Obra Sacra Santa Thereza D'Ávila	51
Figura 10 - Obra Sacra São Sebastião.....	52
Figura 11 – Texto visual produzido pelo aluno que representa o Varal de Charque.....	59
Figura 12 - Carroça produzida no isopor pelo aluno	60
Figura 13 - Representação da Vela Votiva pelo aluno.....	61
Figura 14 - Produção dos alunos não alfabetizados sobre as três etapas	62
Figura 15 - Obra Os Carneadores	64
Figura 16 - Imagem do vídeo A Glamorosa História do Charque.....	64
Figura 17 - Obra Salga	65
Figura 18 - Representação do gado no abate - produção do aluno	66
Figura 19 - Representação do entorno da charqueada - produção do aluno	67
Figura 20 - Argila Entintada.....	68
Figura 21 - A imagem a partir da argila.....	68
Figura 22 - Vela Votiva entintada.....	69
Figura 23 - Antes - imagem do gado entintada no isopor - produção do aluno	69
Figura 24 - Após - imagem do gado entintada no isopor - produção do aluno	69
Figura 25 - Centro Histórico Vila de santa Thereza	70
Figura 26 - Carnaval do tempo das marchinhas	71

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Trajetória pessoal e profissional.....	13
2 REVISÃO TEÓRICA	15
2.1 Arte e Análise do Discurso	16
2.2 O conceito de Sujeito e de Autor.....	19
2.3 Cultura na Arte e na Análise do Discurso	22
2.4 O Ensino da Arte nos Anos Iniciais	25
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	28
4 METODOLOGIA DA INTERVENÇÃO	29
4.1 Contextualização do Tema da Intervenção	29
4.1.1 A Cidade de Bagé.....	31
4.1.2 A Escola Municipal de Ensino Fundamental Kalil A. Kalil	34
4.2 Técnicas de Gravura	35
4.3 Etapas da Intervenção.....	36
4.3.1 Comidas Típicas: em destaque o charque.....	37
4.3.2 Meios de Transportes: Carroças	38
4.3.3 Os Santos Católicos Padroeiros da Cidade	39
4.3.4 Exposição das Produções dos Alunos	40
5 AS OBRAS DOS GRAVURISTAS.....	41
5.1 Artistas do Grupo de Gravura de Bagé.....	41
5.2 A Obra “Salga”	43
5.3 A Obra “Espera”	46
5.4 A Obra “Carneadores”	47
5.5 A Obra “Carroça e Carreta no Galpão”	48
5.6 Santos Católicos Padroeiros.....	50
5.6.1 Obra Sacra “Santa Thereza D’Ávila”	51
5.6.2 Obra Sacra “São Sebastião”	52
6 ANÁLISE DAS PRODUÇÕES DOS ALUNOS.....	53
6.1 Cronograma das Atividades Desenvolvidas	55
6.2 Produção de Sentido e Efeito de Paráfrase	57

6.3 Polissemia e Marcas de Autoria.....	63
6.4 Reflexão Sobre a Intervenção Pedagógica.....	67
7 PRODUTO PEDAGÓGICO.....	73
8 CONCLUSÃO.....	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	75

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe analisar e refletir sobre uma proposta pedagógica que possa contribuir para o ensino da linguagem visual nos Anos Iniciais buscando compreender os posicionamentos dos educandos enquanto sujeitos autores, frente as suas obras produzidas através das técnicas que remetem à gravura. A partir das obras dos gravuristas do Grupo de Gravura de Bagé, realizou-se a análise da unidade didática produzida pelos discentes dos Anos Iniciais, especificamente o 5º ano, sobre suas interpretações referentes à cultura local. O referido grupo foi fundado em meados dos anos 1950, e era composto por quatro integrantes: Danúbio Gonçalves, Glênio Bianchetti, Glauco Rodrigues e Carlos Scliar, sendo esse último, o único artista que não era natural de Bagé.

A Instituição Escolar, segundo O Referencial Curricular Gaúcho (2018, p.27) diz que “caberá às escolas, à luz BNCC, [...] e do Documento Orientador dos sistemas e rede de ensino público e privado, construir seu currículo, considerando as especificidades locais e a trajetória pedagógica, referendado no seu Projeto Político-Pedagógico”. Assim, torna-se a escola o veículo para que ocorra um diálogo constante entre o sujeito, seu contexto cultural e a memória histórica, e sobre esse tema a autora Fernandes (2020, p. 208) diz que “memória histórica seria uma espécie de ‘arquivo’ que resistiria ao tempo, à consciência do grupo, preservando os fatos passados para serem resgatados a qualquer momento”. Assim, os acontecimentos históricos, que constituem a memória social da comunidade, tornam-se relevantes quando, para o grupo, esses fatos produzem sentido. A pesquisa parte da questão: nos Anos Iniciais é possível que alunos produzam sentidos com efeito singular de autoria relacionados à cultura local? Dessa forma o objetivo geral do estudo foi investigar e discutir os procedimentos pedagógicos de desenvolvimento da autoria do texto visual por meio da análise de como os alunos dos Anos Iniciais, 5º ano, produziram gestos singulares de interpretação sobre a cultura local. A pesquisa teve como objetivos específicos analisar as produções dos alunos observando o desenvolvimento da autoria e os gestos de interpretação sobre a cultura local a partir das obras do Grupo da Gravura de Bagé através dos procedimentos pedagógicos que estimularam a polissemia em sala de aula.

O objetivo pedagógico geral da intervenção foi propiciar ao sujeito-aluno dos Anos Iniciais, através do texto visual e técnicas de gravura, práticas pedagógicas de leitura polissêmica do não-verbal que o levaram a produzir sentidos singulares com gestos de interpretação e autoria sobre o contexto sócio-histórico e cultural em que foi inserido.

Os objetivos pedagógicos específicos foram: incentivar os alunos a refletirem sobre a cultura local observando seus gestos de interpretação e autoria, através da técnica de gravura

sobre os temas propostos; compreender como interpretam as materialidades dos textos visuais e orais e em que formação discursiva se inscrevem; produzir sentidos singulares através da polissemia e estimular o aluno a refletir sobre as condições de trabalho no contexto das charqueadas.

O aporte teórico da pesquisa foi embasado na Análise do Discurso da vertente materialista, de Michel Pêcheux. Essa vertente nos permitiu compreender os efeitos de sentidos produzidos a partir das obras dos artistas e das gravuras dos alunos as quais consideramos textos visuais que materializaram gestos de interpretação sobre a cultura local. Assim, a pesquisa teve o suporte da Análise do Discurso e diz Fernandes (2020, p. 407): “dessa forma, à primeira vista, pode-se sondar um caminho viável, adotando a teoria da AD como aporte teórico da pesquisa [...]”. A intervenção pautou-se no tripé: Arte, Ensino e Análise do Discurso.

1.1 Trajetória pessoal e profissional

Aos cinco anos, através da professora que morava ao lado da minha casa, iniciei a alfabetizar-me, e no ano seguinte, ingressava na primeira série do Primeiro Grau na Escola Normal Presidente Vargas XV de Novembro, hoje Escola Estadual de Educação Básica Prof. Justino Costa Quintana. A referida escola possui Ensino Fundamental, Ensino Médio regular, tornando-se referência na região por ofertar o Magistério. A docência não estava nos meus planos, e matriculei-me na Escola Estadual Dr. Carlos Kluwe, no Segundo Grau, concluindo-o aos dezesseis anos.

Em busca de independência financeira iniciei a trabalhar no setor privado, onde passei a desempenhar funções em diversas empresas comerciais e contábeis, por mais de duas décadas, pois meu projeto profissional era voltado para outras áreas. Cursei na Escola Municipal de Educação Profissional Dr. Antenor Gonçalves Pereira, Técnico em Contabilidade, Técnico em Serviços Imobiliários e Extensão em Recursos Humanos. Uma inquietação tomava conta dos meus dias, forçando-me a rever conceitos que apontavam mudanças urgentes através do conhecimento e gerando novas perspectivas profissionais. Assim, determinada e segura da decisão que havia tomado, parti em busca da graduação, na área da educação, pois acredito que nada substitui totalmente um professor e a instituição escolar.

A minha trajetória profissional como docente, iniciou há quinze anos. Ingressei na Universidade da Região da Campanha, URCAMP, através do Programa Universidade Para Todos, PROUNI, e cursei Licenciatura em Artes Visuais. Os primeiros contatos com a sala de aula surgiram através dos estágios, em escolas conveniadas com a universidade, e na Escolinha

de Arte Tia Leda, anexa à Biblioteca Pública Infantil Prof.^a Maria Martins Rossell, instituição que pertence a Secretaria Municipal de Cultura. Trabalhar com crianças pré-alfabetizadas, em uma escola de arte, foi uma experiência enriquecedora e desafiadora. Em seguida, passei a integrar o quadro de docentes do município através do concurso público como professora de Educação Artística. Paralelo ao momento profissional que estava acontecendo, ingressei na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, UERGS, para cursar licenciatura em Pedagogia, e ao mesmo tempo, matriculei-me em uma pós-graduação na modalidade Ensino a Distância, EaD, especialização em Metodologia do Ensino da Arte, através do Centro Universitário Barão de Mauá da cidade de Ribeirão Preto, SP.

A expectativa em ingressar em uma graduação é grande, porém, cursar uma pós-graduação *stricto sensu*, através da Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA, gera uma ansiedade imensurável, e é transformador, enriquecedor, indiscutivelmente um divisor de águas. Assim, como o alimento é essencial para o corpo, o conhecimento é indispensável para o intelecto, fortalecendo e reorganizando vínculos entre os sujeitos.

Propiciar aos alunos criar suas obras, contextualizando-as, faz parte da proposta pedagógica do componente curricular Educação Artística. Assim, observamos que, ao propor atividades, a partir dos textos visuais de artistas locais que registraram o aspecto cultural do município, a maioria dos discentes desconhecem a história e a cultura da região, logo eles têm dificuldades em produzir sentidos para essas materialidades.

Trabalhar com a Arte nos Anos Iniciais, é uma forma de estimular o aluno a produzir sentidos singulares para a cultura local. Para isso, devem ser desenvolvidos em todos os ciclos do Ensino Fundamental, conforme a Lei de Diretrizes e Bases, LDB 9394/96, Art. 26, parágrafo 2º, com redação dada pela Lei 13,415, de 2017: “o ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica”. E ainda, para corroborar com a relevância da Arte na formação dos alunos, citamos o Referencial Curricular Gaúcho (2018, p. 53) que diz: “a Arte, assim como os demais componentes curriculares, é um dispositivo para a socialização, humanização e cognição, potencializa o desenvolvimento da sensibilidade, das emoções e das sensações a Arte”. Observamos que a Arte está inserida nos componentes curriculares da educação básica, contudo, não sabemos se são desenvolvidos como sugere o documento norteador gaúcho.

Ao iniciar meus estudos no Mestrado Profissional em Ensino de Línguas exercia as funções de professora e diretora na Escolinha de Arte Tia Leda e, posteriormente, fui transferida para a Secretaria Municipal de Educação e Formação Profissional, SMED e, portanto, a pesquisa precisou ser aplicada em uma Escola Municipal de Educação Fundamental do município.

O ano de 2020 foi atípico, pois globalmente enfrentamos um vírus letal. Os serviços públicos e privados, assim como as instituições escolares suspenderam suas atividades, salvo aqueles considerados essenciais, e através do Decreto Municipal 050/2020, de 19 de março do corrente ano, foi declarado no município de Bagé, estado de calamidade pública para prevenir e enfrentar à pandemia causada pelo COVID-19. As equipes diretivas, os professores, funcionários dos estabelecimentos de educação, assim como os alunos e responsáveis se adaptaram à situação que se apresentava, e que durou aproximadamente dezoito meses. Na tentativa de amenizar os prejuízos na aprendizagem do ensino básico no município, os gestores da Secretaria Municipal de Educação e Formação Profissional – SMED, junto às equipes pedagógicas das instituições escolares, desenvolveram algumas estratégias que foram aplicadas neste período pandêmico. Aulas foram gravadas semanalmente para serem vistas no Canal aberto do Legislativo, ainda, materiais impressos foram entregues, e o uso das plataformas digitais. Assim, o ensino remoto prevaleceu, e para os alunos que não tinham acesso à internet, os responsáveis retiravam as atividades impressas na escola toda a semana com o compromisso de retornarem com esse material para os professores.

O retorno ocorreu, gradativamente, em agosto de 2021 obedecendo aos protocolos de segurança elaborados pelo COE – Centro de Operações Emergenciais. As instituições escolares se organizaram e planejaram a reabertura do ano letivo, a partir das informações obtidas pelo mapeamento dos alunos que sinalizavam o retorno presencial das aulas. Assim, a partir de setembro, foi possível aplicar a intervenção pedagógica da pesquisa, em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental.

Nesse contexto, os desafios vão além da sala de aula, e fortaleço-me na fundamentação teórica do trabalho docente que agregue conhecimento às boas práticas pedagógicas¹. O educador é a mola propulsora da sociedade, em qualquer tempo e lugar, mas é preciso reinventar-se e estar sempre atento a novas leituras e novas produções dos saberes.

2 REVISÃO TEÓRICA

A presente Dissertação organiza-se em quatro seções ancoradas na linha teórica da Análise do Discurso de corrente materialista. A primeira seção reúne leituras de autores como Orlandi (2012), Fernandes (2017) e Luciene Campos (2010), que explanam sobre o texto visual como a unidade de análise que se movimenta pelos processos de paráfrase e polissemia. A segunda seção traz leituras de Indursky (2008) e Assolini (2008) sobre a definição de sujeito e

¹ Consideramos por boas práticas, neste trabalho, aquelas que desenvolvem a polissemia e autoria em sala de aula.

de posição-autor, que a partir do deslize de sentidos, da Formação Discursiva em que se inscrevem, produzem textos com efeitos de originalidade. Na terceira seção, tratamos do conceito de cultura a partir dos autores Certeau (2005), Bhabha (1998), De Nardi (2007) e Althusser (1970), mostrando como a palavra é polissêmica. E prosseguimos para a quarta seção em que buscamos o conceito da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa recorrendo a autores como Azevedo (2015), Ruzza (2011), Zapelini (2016) e Lowenfeld (1977), para ancorar o desenvolvimento da nossa prática pedagógica.

2.1 Arte e Análise do Discurso

Pela Arte, registrou-se a essência de cada tempo, dos traços esculpidos nas cavernas, infinitos artefatos a megaconstruções faraônicas. O teatro e a música, a dança e artes visuais, são eixos da Arte, e cada um com sua especificidade contribuiu para a história humana e as diferentes culturas. Ainda existem outros tipos de Arte, como a fotografia, histórias em quadrinhos e arte digital.

Contudo, a Arte vai além do objeto estético, da escultura, da música erudita, do balé, das pinturas renascentistas ou dos movimentos artísticos. A Arte emerge como linguagem não-verbal, com a imagem por exemplo, há produção de sentidos na leitura do texto visual, desacomodando assim as estruturas vigentes. Palma Filho (2011, p. 26) diz que a Arte: “ao lado da Filosofia e da Ciência se constitui num modo privilegiado por meio do qual o ser humano procura compreender e representar o mundo material e simbólico que o cerca”. A Arte, contemporânea ou não, oportuniza-nos a explorar processos de produção de sentido referente à realidade em que estamos inseridos, observando sua dimensão estética pertinente ao desenvolvimento evolutivo do ser humano e não apenas pela imagem, mas todos seus pilares.

A leitura da imagem precede a alfabetização pelo constante contato proporcionado ao universo infantil, desde tenra idade, ainda no meio familiar. Há produção de sentido, antes da escrita, e Campos (2010, p.77) diz que: “Para haver leitura é preciso que haja o registro anterior de uma imagem. Essa imagem não é imagem pura, já que convoca a fala, exige significação”. Assim, o aluno ao observar uma imagem, reporta-se ao que visto anteriormente e produziu sentido.

A Análise do Discurso (AD), da vertente materialista, torna-se suporte teórico para fazer-nos dialogar com o texto visual e outras linguagens, apontando caminhos, e alinhando-as a novos dizeres através dos processos de produção dos sentidos. A AD foi fundada pelo filósofo

francês Michel Pêcheux, na década de 1960, e sua unidade de análise é o texto, onde se marcam as construções ideológicas. Assim, discorre Orlandi (2012, p.26) que para a AD:

A Análise do Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leituras.

A série “Xarqueadas”², que traz gravuras do artista plástico Danúbio Gonçalves, tem como tema o trabalho no campo, bem como os animais e o trabalhador rural, que protagonizou o momento descrito nas obras, na metade do século passado. Os textos visuais da referida série são obras que traduzem o contexto histórico-social da região naquela época, e sob a fundamentação da AD, faremos interpretação das materialidades que ocorrem pela produção de sentidos em relação à história e às imagens produzidas pelo artista. A AD “nos permite trabalhar em busca dos processos de produção do sentido e de suas determinações histórico-sociais” (LEANDRO-FERREIRA, 2005). Assim, através das condições de produção o sujeito é interpelado pela ideologia e pela história.

O texto visual tem sua materialidade através de palavras ou imagens e inscrevem-se no discurso pela linguagem e formação discursiva. Afirma Fernandes (2014, p.106): “Assim, entende-se que o discurso é efeito de sentidos, já que a fala do sujeito se inscreve em uma formação discursiva. É através dela que compreendemos os diferentes sentidos para uma mesma palavra ou imagem”. A imagem, para o autor que a produziu é simbólica, é materialidade significante e pode ser analisada através de um recorte discursivo. Lagazzi-Rodrigues (2009, p. 67) diz: “parto da noção de recorte para assumir que o dispositivo teórico-analítico discursivo apresenta as condições necessárias para a prática analítica de objetos simbólicos constituídos por diferentes materialidades significantes”. Assim, o dispositivo teórico foi constituído considerando as especificidades das materialidades discursivas provenientes das obras dos artistas do Grupo da Gravura de Bagé.

Na instituição escolar, as comunicações visuais tomam conta dos corredores que dão acesso às salas de aulas, aos refeitórios, e participam na produção de conhecimento. Assim, na produção de textos autorais, percebemos os processos de produção do dizer, de paráfrase e polissemia. Sobre esses conceitos, Fernandes (2015, p. 108) elucida:

[...] estão implicados na produção de sentido do texto os processos de paráfrase e polissemia. A paráfrase é o que permite os dizeres retornarem do eixo interdiscursivo para dar sentido aos novos dizeres, já a polissemia instaura uma ruptura na cadeia parafrástica, provocando deslizos dos sentidos, instaurando novas possibilidades de dizer.

² Danúbio apresenta a grafia da palavra com “x”, por ocasião do romance “Xarqueadas” do escritor Pedro Wayne.

Assim, paráfrase é um retorno ao saber sedimentado, consolidado e não inédito, e que parte de algo que já fora dito e reformulado no contexto em que foram atualizados. Segundo Orlandi (2006, p. 27): “[...] de um lado, há um retorno constante a um mesmo dizer sedimentado – a paráfrase – e, de outro, há no texto uma tensão que aponta para o rompimento”. Assim, nas leituras polissêmicas, existem enunciados, que mudam de acordo com as condições da produção dos sentidos.

Em uma obra de arte, a leitura polissêmica ocorre pela abertura aos múltiplos sentidos, ou seja, o sujeito reporta-se à memória discursiva, através da interpretação, surgem novos dizeres e significados. Orlandi (2012, p. 36) descreve: “é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam”. Em condições específicas de produção, o enunciador depende do contexto para produzir diferentes efeitos de sentido o que permite que o sujeito-aluno assuma a posição-autor.

Assim, pela produção de sentidos e pelos processos de paráfrases e polissemia, chega-se à autoria, ou seja, da tomada de posição-autor com a produção de gestos singulares de interpretação. Essa posição, assumida pelo sujeito na função de autor, é afetada pelas condições de coerência e responsabilidade. A autoria³, na perspectiva discursiva da AD, é responsável pelo efeito de unidade do texto, e segundo Fernandes (2016, p.85): “Para essa linha teórica, a autoria é vista como um princípio de organização textual e de tomada de posição que produz o efeito de autenticidade, originalidade e responsabilidade pelo texto produzido”. A autora ainda aponta que, ao tratar do texto visual, há um funcionamento discursivo diferente desse conceito devido à função-autor ser desempenhada por um sujeito-artista. Assim, o conceito de autor da obra de arte será visto não como o indivíduo que produziu a obra, mas como a função-autor que produziu a textualidade do texto visual.

A Arte, como campo de conhecimento, busca retratar o desenvolvimento da humanidade, através dos objetos simbólicos, e ao produzir sentido, o sujeito se significa. Em sua tese de doutorado, Campos (2010, p. 20) considera importante incluir na formação teórica da AD a Arte como uma quarta região do conhecimento, pois, segundo a autora: “se a proposta da AD é juntar as três grandes regiões teóricas da virada do século XIX: linguística, materialismo histórico e psicanálise certamente tem uma quarta região valiosa que deve convocar – a Arte”. Esta região teórica instiga aos sujeitos-alunos⁴ interpretarem, levando-os a produzirem sentidos frente às obras que mostram, por exemplo, as condições precárias de

³ Voltaremos a esse conceito na seção 2.2

⁴ Ao usarmos a expressão “sujeito-aluno” ou “sujeito-professor”, estaremos nos referindo à posição-sujeito que indica um lugar social e não à noção teórica de sujeito discursivo.

trabalho nas charqueadas. Pela Arte mobilizam-se memórias sejam elas históricas, como arquivos, sociais e discursivas.

As memórias produzem sentidos para os acontecimentos históricos que são registrados nas obras dos gravuristas do Grupo da Gravura de Bagé. Através da obra de arte, entendemos poder significar esses acontecimentos e formar nossa memória coletiva sobre a cultura local⁵.

2.2 O conceito de Sujeito e de Autor

O sujeito da Análise do Discurso não é empírico, mas representa uma posição social, marca-se no discurso e é interpelado pela ideologia. “O sujeito, assim constituído, é um sujeito histórico, ideológico, mas ignora que o é, pois é igualmente afetado, em sua constituição pelo inconsciente” (INDURSKY, 2008). O sujeito se identifica com uma determinada Formação Discursiva, um domínio do saber, onde os sentidos e sua subjetividade estão instaurados e definidos. Ainda, o sujeito fragmenta-se uma vez que pode assumir outras posições dentro da Formação Discursiva. Segundo Orlandi (2012, p. 48) diz:

Atravessado pela linguagem e pela história, sob o modo do imaginário, o sujeito só tem acesso a parte do que diz. Ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas.

A Formação Discursiva é o território do discurso, na enunciação determina o dizer do sujeito, ou seja, o que ele pode e o que não deve dizer. Orlandi (2012, p. 44) afirma que não podemos pensar as Formações Discursivas como blocos homogêneos que funcionam automaticamente, pois são constituídas pela contradição, são heterogêneas, reconfiguram-se em suas relações. A FD é o lugar onde ocorre a junção entre língua e discurso.

A inscrição do sujeito no discurso e sua identificação com a forma-sujeito de uma determinada FD resulta em uma tomada de posição, e tem como resultado a posição-sujeito, que é imaginária, seus espaços estão ocupados, e pode identificar-se – com diferentes FD. “Posição-sujeito é o resultado da relação que se estabelece entre o sujeito do discurso e a forma-sujeito de uma dada formação discursiva” (LEANDRO-FERREIRA et al, 2005).

O sujeito pode se identificar com a forma-sujeito de três formas de saberes existentes, “[...] movimentos de identificação, de contra-identificação ou desidentificação mostram que a constituição do sentido se junta à constituição do sujeito” (INDURSKY 2008). A primeira modalidade de identificação do sujeito com a forma-sujeito é a plena, onde o sujeito concorda plenamente com a FD em que se inscreve. A segunda modalidade é a contra-identificação, onde

⁵ Na seção 2.3 trataremos do conceito de cultura.

o sujeito assume uma posição-sujeito, e passa a discordar com alguns saberes com a FD. A terceira modalidade de identificação é a desidentificação, quando o sujeito não se identifica mais com a FD em que se inscreveu, ou seja, coloca-se em oposição a esses saberes, dos quais tem sua origem em outros lugares, em outros textos.

A AD elucida que o sujeito discursivo se constitui no momento em que produz sentidos, e na função de autor produz recortes organizados do interdiscurso, produzindo o texto com efeitos de originalidade. O autor, por meio da função enunciativa, atribui ao texto o efeito de início e de fechamento, com coesão e coerência em sua ilusão de completude. Para Orlandi (2007, p.68) com base em Foucault: o “autor é o princípio de agrupamento do discurso, unidade e origem de suas significações. O que o coloca como responsável pelo texto que produz”. O autor é constituído através da materialidade das leituras anteriores, e seu lugar social, determina-se pela interpretação do objeto simbólico.

Através da linguagem, o autor tece textos a fim de dar-lhes um efeito de unidade, de que é simbolicamente acabado. Essa aparente unidade ou homogeneidade dissimula a heterogeneidade natural do texto. Assim, o texto “organiza a relação da língua com a história na produção de sentidos e do sujeito em relação com o contexto histórico-social” (LEANDRO-FERREIRA et. al., 2005). A relação do texto e autor resulta em um efeito de completude, ou seja, de dizer, e do discurso, pois é um movimento que elabora a impressão de unidade e transparência do dizer. A relação do sujeito com o texto a ser lido pode ser de afastamento, uma vez que podem surgir, através da leitura, outros sentidos. Orlandi (2012, p. 73) discorre que “se a relação do sujeito com o texto é da dispersão, no entanto a autoria implica em disciplina, organização e unidade”.

A função-autor é o princípio que organiza a dispersão discursiva, e fixa-se ao lado de outras funções, como o leitor e enunciador. E mesmo que um texto não explicita o nome do autor, através da referida função lhe será atribuída a autoria, pois é um princípio de unidade, e para a AD sujeito e autor não se referem a indivíduos, mas a categorias teóricas. A função-autor é necessária para a produção do efeito de unidade e de homogeneidade que dá a impressão de que os sentidos foram produzidos ali e não que vieram do interdiscurso. Por outro lado, o efeito de abertura produzido pelo texto visual produz sentidos distintos, e Fernandes (2016, p.104) diz que “[...] o efeito de abertura estará sempre presente nesse tipo de materialidade textual, uma vez que escrever por imagens já é transgredir [...]”. A imagem proporciona essa abertura, essa linguagem não verbal e provoca deslizamentos de sentidos, através das materialidades visuais ocorrem novas leituras e interpretações, uma vez que o autor oportuniza ao leitor produzir o efeito-fecho da narrativa.

Ao tornar-se autor, o sujeito da enunciação passa por processos de esquecimento no discurso, da produção de linguagem organizada, de singularidade. A autoria é determinada pela posição-sujeito dominante. Os processos de esquecimento na produção de sentidos são: os esquecimentos números um e dois. O primeiro determina a forma como a ideologia afeta o inconsciente apagando a origem do dizer, dando a impressão de que os sentidos se originam no sujeito, não do que já fora dito, do que circula pela sociedade. O segundo processo de esquecimento, o sujeito esquece que é a fonte do dizer, e manipula a linguagem, funcionando aí a noção de autoria. Orlandi (2012, p.35) explana que “o esquecimento número dois que é da ordem da enunciação: ao falarmos o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo do nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro”. Tais famílias parafrásticas são processos de produção do dizer que sempre retornamos a elas para textualizar novos dizeres. Ao realizarmos a pesquisa com alunos do 5º ano, analisamos a produção de sentido através dos processos de produção do dizer, a paráfrase e a polissemia. A paráfrase é o retorno de sentido ao que já fora dito, e a polissemia é um novo sentido a partir do rompimento com o outro dizer, surgindo assim, o gesto de autoria. Fernandes e Milano (2015, p. 216) dizem que: “quando o aluno assume a função-autor, ele organiza a dispersão do discurso, apresenta o efeito de organização do texto, mas na posição-autor, ele vai além, ele assume a autoria do que diz, produzindo o efeito de originalidade”. Ocorre assim o deslizamento de sentido, dando origem ao novo dizer.

Pelo viés da AD, a autoria na construção da unidade de análise, o texto verbal ou visual, percorre um novo caminho, onde o sujeito-aluno para se tornar autor não deve receber interferências do sujeito-professor. A equivocidade da linguagem permite deslocamentos de sentidos que possibilitam o sujeito-aluno construir novos dizeres, outros gestos de interpretação que o leva a tomar a posição de autor e não de sujeito-escrevente que apenas repete o que lhe é sugerido. “Em um texto munido de criatividade, há o dizer do aluno e não apenas a repetição do dizer do professor, [...] e essa produção de sentido está relacionada com a subjetividade e identidade desse aluno” (FERNANDES; MILANO, 2015, p. 217).

O espaço escolar mune-se de discursos pedagógicos, porém predomina o discurso pedagógico autoritário que prioriza os métodos tradicionais que são históricos e ideologicamente determinados, porém não contribuem para que o sujeito-aluno se torne em sujeito-autor, e ainda, que não se movimente por outras Formações discursivas. Os discursos pedagógicos escolares, segundo Orlandi (2006, p.15) organizam-se em três: “[...] discurso lúdico, discurso polêmico e discurso autoritário”. O discurso pedagógico escolar polêmico, ocorre quando não há interferência do sujeito-professor que permite que o sujeito-aluno

experimente e serpenteie por outro caminho, o que contribuirá para a produção de sentido do sujeito-aluno.

Assolini (2008, p. 89) diz que:

O discurso pedagógico escolar tradicional, D.P.E., busca sempre a homogeneização, esquecendo-se de que os sentidos estão inseridos em formações discursivas e ainda não considera a possibilidade de existir a diversidade de leituras (interpretações) provenientes de formações discursivas diferentes.

O discurso pedagógico escolar lúdico permite ao sujeito-aluno a abertura à polissemia, pois a opacidade dos textos visuais apresentados aos alunos, tornam-se apropriados a esse referido discurso. Atividades com imagens das obras dos artistas do Grupo da Gravura de Bagé permitiu aos sujeitos-alunos produzirem textos visuais com efeito de autoria.

Para a intervenção pedagógica, uma questão fundamental é de observar as condições de produção em que os sujeitos-alunos produzem gestos de interpretação, e em qual Formação Discursiva se inserem ao enunciar. O autor, produz sentidos em outros contextos sócio-históricos, em linguagens não-verbais como o desenho, a pintura, a gravura, outros significados, passa a ser um produto a ser lido e interpretado através da Formação Discursiva com a qual se identifica. Essa condição de produção agrega, entre outros, o contexto cultural em que os alunos estão inseridos. Por isso, a noção de cultura também compôs nosso dispositivo teórico-analítico.

2.3 Cultura na Arte e na Análise do Discurso

O conceito de cultura, não tem uma definição exata, contudo, a nomenclatura designa uma série de expressões usuais, e entre elas encontramos: “ação cultural”, “discurso cultural”, e “herança cultural”. O significado da referida palavra flui em várias direções, que passam pelo modo de vestir, pelas produções artísticas, pelo cultivo da terra, ao culto, aos costumes religiosos. Assim, entendemos que “cultura” oferece um vasto leque de possibilidades em diferentes contextos históricos. A Arte e cultura são intrínsecas, sendo que “destaca-se a importância da cultura para discutirem-se as questões da contemporaneidade, a partir da premissa de que a cultura é formada por um conjunto de sistemas de significados que dão sentido às ações humanas [...]”. (GODOY; SANTOS, 2014).

As manifestações culturais gravam no sujeito marcas de um sistema, e faz com que esse sujeito se identifique, com as práticas sociais, com um estilo, com o modo de falar. Certeau (2005, p. 193-194) elenca seis sentidos para a cultura:

Os traços do homem culto, isto é, segundo o modelo elaborado nas sociedades; um patrimônio de obras que devem ser preservadas e difundidas; a imagem, a percepção ou a compreensão do mundo próprio a um meio (rural, urbano, nativo); comportamentos, instituições, ideologias e mitos que compõem quadros de referência; a aquisição, enquanto distinta do inato; um sistema de comunicação concebido segundo os modelos elaborados pelas teorias da linguagem verbal.

A cultura, ainda, destaca outros aspectos, como a diversidade e a diferença cultural. A diversidade cultural, ocupa-se dos costumes, gera o multiculturalismo, e ainda, surge como elemento que articula a troca dos signos culturais. A diferença cultural, agrupa-se no equívoco da autoridade cultural, é um movimento de significação. Assim, segundo Bhabha (1998, p. 63): “a diversidade cultural é um objeto epistemológico - a cultura como objeto do conhecimento empírico - enquanto a diferença cultural, é o processo da enunciação da cultura como conhecível e legítimo”.

A cultura, como ambiente de interpretação no âmbito da Análise Materialista do Discurso, tem relação com um dos principais conceitos da AD, a ideologia “elemento determinante do sentido que está presente no interior do discurso e que, ao mesmo tempo, reflete-se na exterioridade, e que não é algo exterior ao discurso, mas sim constitutiva na prática discursiva”, afirma Leandro-Ferreira (2005).

Em sua tese de doutorado intitulada “Um olhar discursivo sobre língua, cultura e identidade”, De Nardi (2007, p. 63) diz que “olhar as relações entre ideologia e cultura implica ainda conceber a cultura como um espaço de interpretação ao qual subjazem necessariamente, relações de poder”. O sujeito acultura-se através das práticas sociais e formação histórica, que o afetam, transformando seus sentidos em um determinado momento, pelo poder que determina certa formação social. A ideologia incorpora ao sujeito suas relações com o simbólico, de reprodução de sentidos, dentro de uma estrutura social em contexto sócio-histórico, e ainda, estabelece a razão de uma cultura oferecendo a seus integrantes a ilusão de unidade, e de posse por meio das práticas a serem apreendidas e produzidas.

A ideologia dominante controla e impõe normas, mesmo em uma pequena parcela da sociedade. Althusser, em meados da década de setenta, produziu a obra “Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado”, que procura compreender como as instituições favoreceram as relações de produção que atingiam a classe operária. As instituições que passaram a ser nomeados como AIEs, constituem-se em Igrejas, escolas públicas ou privadas, em núcleo familiar ou jurídico, político ou sindical e cultural, como as Artes.

Na segunda década do século XX, nos anos de 1917 a 1925 em plena Revolução Russa, um seleto grupo de intelectuais se reuniu para tratar questões e princípios que regiam a arte e a educação, que foram colocadas no centro da discussão. O grupo organizado sob os ideais de Alexander Bogdanov foi denominado “Prolecult – Cultura Proletária”, e fazia oposição ao governo. O país estava mergulhado na revolução comunista, e os intelectuais decidiram que era o momento de repensar novas posturas em relação aos meios de produção. Outra organização, tornava-se necessária, de forma acessível a todos da classe operária, uma vez que Literatura e

Arte eram privilégio da burguesia. Santos (2017, p. 71) diz que: “os membros do Prolecult defendiam que a classe trabalhadora era autônoma e deveria dar vazão a sua força criativa e expressão de suas ideias”. O movimento marcou um período histórico, ao posicionar-se contraditório a cultura burguesa, ao poder governamental da URSS em que os AIEs funcionavam em instituições organizadas, com distintas funções públicas ou privadas na sociedade daquele país. Piovezani em 2011 traduziu uma entrevista com o filósofo Michel Pêcheux intitulada “Legados de Michel Pêcheux”, onde o teórico responde a uma pergunta referente ao movimento Prolecult, Pêcheux (2001 p.79) “[...] é também como uma tomada de posição a propósito do que se chama hoje de ideologias práticas, sob a forma de uma concepção organizacional que se aplica aos domínios da política e da arte”. Althusser (1970, p.87) afirma que “práticas são reguladas por rituais em que elas se inscrevem no seio da existência material de um aparelho ideológico, mesmo que se trate de uma pequeníssima parte desse aparelho”.

O primeiro Aparelho Ideológico do Estado a compreender as ideologias práticas construído pela classe burguesa foi a Instituição Escolar, que substituiu a Igreja na posição de principal AIE formador da estrutura social. Os Aparelhos Ideológicos do Estado gerenciam uma sociedade, e tentam definir o comportamento do sujeito no grupo social. O Aparelho Repressivo do Estado funciona predominantemente pela lei, o que pode imputar multas, enquanto que o Aparelho Ideológico do Estado funciona pela ideologia, são distintos e múltiplos. Para Althusser a classe operária deveria tomar o comando dos AIEs, e imediatamente dissolvê-los.

A cultura visual envolve uma rede de comunicação, e iniciou através da leitura de imagens, no final da década de 1990, englobando além da Arte, outros campos do saber, como a História, Arquitetura, Antropologia. A materialidade da imagem, através da ideologia dominante, produz sentido, conhecimento e novos dizeres. Sardelich (2006, p. 452) explana sobre o crescente desejo pela produção visual: “tem levado historiadoras/es, antropólogas/os, sociólogas/os, educadoras/es a discutirem sobre as imagens[...], como leitura de imagens e cultura visual”. Nesse contexto citamos a crescente indústria da mídia, com imagens e textos visuais que são materialidades discursivas que fazem parte do espaço cultural. Na tese intitulada “Imagens à Deriva: Interloquções entre a Arte, a Psicanálise e a Análise do Discurso”, Luciene Campos (2010, p. 16) diz que:

A imagem permite um trajeto do olhar sem roteiro prévio, imprevisível e, assim, torna ativas outras camadas de materialidade do que não está evidente, produzindo uma experiência rara. O olhar se fixa, contorna e agrupa pontos, construindo delineamentos numa cartografia singular onde se configura o desdobramento do desejo do sujeito. Portanto o olhar está organizado por algo que não se vê, algo que cai fora do campo de visão e que só adquire sentido na relação com a cultura e com a história.

A materialidade da imagem causa efeito com sentido singular e desliza por um viés não explorado ainda, e foi o que buscamos analisar, neste trabalho de pesquisa do Mestrado Profissional do Ensino de Línguas, os gestos de interpretação dos alunos dos Anos Iniciais do 5º ano a partir das imagens e dos significados das obras que externam imagens de outrora. Podemos citar que a gravura produzida através de incisões na base de uma superfície plana, tornou-se materialidade que permitiu ao aluno produzir sentidos, compreendendo assim, o meio social em que foi inserido.

O letramento visual torna-se fundamental para a comunicação não verbal presente em diversas obras, como pintura ou gravura, e traduz a simbologia que o objeto emana pelo seu contexto sócio-histórico. Almeida (2011, p. 44) com base em Stoke (2002) diz que letramento visual: “reside na habilidade de ler, interpretar e compreender a informação apresentada em imagens, bem como a sua produção”. Para interpretarmos ocorre uma conexão com esses três processos que possibilitam as condições de produção.

Nos Anos Iniciais, 3º ao 5º ano o Referencial Curricular Gaúcho (2018, p. 78) em consoante com a Base Nacional Comum Curricular sobre o Patrimônio Cultural e a cultura local orienta que é preciso: “identificar, pesquisar, reconhecer e valorizar as características estéticas e culturais presentes no patrimônio material e imaterial pertencentes à cultura local [...] para aproximar dados e fatos e fatos históricos e as manifestações populares de pequeno e grande porte [...]”, proporcionando assim, a interação através da Arte e suas linguagens: Artes Visuais, Dança, Teatro e Música.

2.4 O Ensino da Arte nos Anos Iniciais

A Arte torna-se um dos pilares para a aprendizagem significativa, pois antes de se alfabetizar a criança observa, experimenta e descobre o que está à sua volta através das formas e texturas que estão ao seu alcance. Assim, a criança produz sentido e forma seu arquivo discursivo. Lowenfeld (1977, p.102) diz que: “A criança deve ter a todo momento possibilidade de realizar experiências com tantos materiais diferentes quanto isto for possível. Os materiais diversos de consistência e contextura diferentes, enriquecem a sensibilidade tátil infantil”. Consoante a isso escolhemos desenvolver uma proposta de ensino da técnica da gravura para alunos dos Anos Iniciais do ensino fundamental, 5º ano, com objetivo de proporcionar, através da leitura de imagens, interpretações que produzam efeitos de autoria. Para interpretar, produzir sentido, o aluno precisa mobilizar a memória discursiva e a visual, por isso segundo Almeida (2011, p. 44) “é algo aprendido, assim como a leitura e a escrita também o são. [...] através de

práticas sociais nas quais o leitor/observador está inserido dentro de seu contexto sociocultural específico”.

O método de ensino da arte desenvolvido por Ana Mae Barbosa, professora doutora em arte-educação, a Abordagem Triangular consiste em três ações fundamentais para a produção de sentidos: ler, contextualizar e fazer. Entendemos que a partir dessas ações, o aluno pode se colocar na posição de autor do seu texto visual, constituindo-se pela identificação com determinadas formações discursivas. O Referencial Curricular Gaúcho (2018, p. 53) traz em sua redação que através da Arte somos conduzidos a produzi-la “[...] individual e coletivamente, com a devida valorização da pesquisa, das vivências e das experiências, orientada pela abordagem triangular através dos objetos do conhecimento”. A leitura da imagem é o caminho para a interpretação em uma das fases da Abordagem Triangular, contribuindo assim para as novas práticas de leituras a outras materialidades dos textos como pintura ou gravura. Em Azevedo (2015, p. 348):

É muito importante dizer que as ações — ler/contextualizar/fazer — que constituem a Abordagem Triangular são articuladas e que a contextualização exerce um papel muito significativo na produção de sentidos do universo de imagens, quer sejam elas obras de arte, quer sejam elas cultura visual. A contextualização ao interligar o gesto de ler ao gesto de fazer torna significativa a experiência estética; passamos a dizer algo sobre a imagem que tem sentido para nós.

A partir dessa abordagem desenvolvida no final da década de 80, e do diálogo entre os pilares, o ensino de arte passou a dar ênfase às produções artísticas, no processo pautado em sentidos e na interpretação surgindo novos dizeres e a novas ações. A Arte na Educação Básica ocorre pela contextualização e apreciação dos objetos. Ruzza (2011, p.72), diz que “o conhecimento em arte na escola organiza-se por meio das práticas ligadas ao apreciar, ao fazer artístico e à contextualização histórica dos objetos artísticos”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) descrevem que “a forma artística é antes uma combinação de imagens que são objetos, fatos, questões e sentimentos, ordenados não pelas leis da lógica objetiva, mas por uma lógica intrínseca ao domínio do imaginário... a arte é realidade percebida de um outro ponto de vista”. Ou seja, ao interpretar a obra, na sua subjetividade, criam-se novas redes de dizeres, novas marcas de autoria.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) orienta sobre a importância da arte para o desenvolvimento da criança no espaço escolar, e que inclui, entre outros saberes, referentes à cultura e tudo o que lhe é pertinente. A referida Base Nacional Comum Curricular descreve sobre o ingresso dos estudantes nos Anos Iniciais e o ensino da Arte nesse novo ciclo que “deve assegurar aos alunos a possibilidade de se expressar criativamente em seu fazer investigativo, por meio da ludicidade, propiciando uma experiência de continuidade em relação à Educação Infantil”. Nos Anos Iniciais, a Arte é uma das modalidades que se manifesta através

de linguagens, como texturas, cores e movimentos, auxiliando o desenvolvimento da criança, levando em consideração as suas necessidades. O Referencial Curricular Gaúcho (2018, p. 54) menciona: “A Arte na escola contribui, consideravelmente, para a efetividade das competências gerais da BNCC, através da prática e fruição nas diversas manifestações das artes tradicionais e contemporâneas”.

O período que antecede a alfabetização ocorre através das materialidades da Arte como mediadora da aprendizagem que socializa e apresenta o mundo exterior à criança o que lhe favorece ao ingressar nos Anos Iniciais. Para Prosser (2003, p 02): “Assim, ao examinar o papel da arte no processo educativo infantil, vemos que ela, além de ser veículo de expressão do pensar da criança, é mediadora do aprendizado relativo tanto ao seu mundo interno, quanto externo”. A cada trabalho realizado pela criança é singular e sinaliza suas condições de produção. A leitura de imagens, antecede a decodificação das letras, e destacamos as palavras de Ruzza (2011, p. 72): “com o potencial das imagens, criam-se narrativas visuais que ultrapassam barreiras linguísticas e ampliam possibilidades de expressão e comunicação”.

Ao rabiscar e combinar desenhos e traços que remetem às letras, a criança produz sentidos para essas materialidades, e através das condições de produção, surgem novos dizeres, que fazem parte, ou não, do contexto escolar. Quando este espaço educacional está fora da escola tradicional, propicia assim, um ensino híbrido, ou seja, há, ainda, aprendizagem significativa, leituras polissêmicas através da Arte. Para Zapelini (2016, p.83) a prática de ensinar “ se caracteriza como um espaço que movimenta mais os sentidos polissêmicos, lugar em que a criança pode experienciar, falar, ouvir e brincar”. Assim, pelas condições de produção, a criança vivencia e experimenta através dos processos polissêmicos e amplia seus sentidos e novos dizeres.

O ensino da Arte não se limita ao que já está pronto, já dito, ou ainda, enfeitar a escola para uma data festiva. O ensino de Arte na Educação Básica, é interpretação através de outro olhar, e é propiciar à criança, naquele momento, contextualizar através dos sentidos, o que está experimentando e propicia que esta seja questionadora, que observe por outro viés o que está lhe sendo proposto.

Os espaços educativos possibilitam a integração da criança com diversos materiais que auxiliam no processo ensino-aprendizagem e Zapelini (2016, p. 34) discorre que esses ambientes “[...] ao oportunizarem o contato da criança com as diferentes materialidades discursivas - literatura infantil, brinquedos, jogos de alfabetização, entre outros -, possibilitam que a criança compreenda a língua fazendo sentido”. O contato com as referidas materialidades para o aluno não acontece apenas na instituição de ensino, pois, está presente no espaço familiar,

porém, a escola torna-se responsável em ofertar e organizar de forma lúdica os materiais que auxiliarão no processo anterior ou posterior à alfabetização.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A Análise do Discurso oportunizou-nos construir um dispositivo de análise através de seu escopo teórico e sobre esse tema Fernandes (2021, p. 402) diz que na Análise do Discurso: “a mobilização da fundamentação teórica é o que dá consistência à análise e valida a pesquisa pelo modo como se articulam teoria e gesto analítico [...]”. Assim, teoria e prática são indissociáveis para a prática de análise. A AD é uma linha teórica materialista que analisa a linguagem constitutiva do discurso do sujeito pela história e ideologia. A pesquisa foi de cunho teórico-metodológico aplicada através de um projeto de intervenção pedagógica nos Anos Iniciais, 5º ano.

O *corpus* discursivo foi constituído a partir do arquivo da pesquisa que reuniu o material do arquivo pedagógico e da prática de intervenção. Assim, constituímos arquivo a partir das materialidades dos alunos, e através dos objetivos da pesquisa, fizemos os recortes para análise do *corpus* discursivo. Explana Orlandi (1981, p. 14): “o recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados[...] um recorte é um fragmento da situação discursiva”. A autora ainda explica que há diferença entre recorte e segmento sendo este “simplesmente uma unidade ou da frase ou do sintagma, etc.”. (ORLANDI, 1981).

As produções escritas que foram desenvolvidas pelos alunos com idades entre dez e onze anos, referiam-se aos textos visuais dos artistas do Grupo de Gravura de Bagé que, pelas condições de produção e gestos de interpretação dos alunos, observamos como estes se posicionaram com efeitos de sentidos singulares e efeito de autoria.

Dos instrumentos utilizados na pesquisa destacamos as ferramentas tecnológicas como vídeo da plataforma de compartilhamento de vídeos, filmadora do notebook e câmara do celular. Estes instrumentos contribuíram para a pesquisa auxiliando na coleta de dados, o que nos possibilitou descrever os gestos de interpretação dos alunos dos Anos Iniciais, 5º ano, que ao serem analisados, observamos as FDs em que os mesmos se inscreveram enquanto produziam seus trabalhos.

Para o analista do discurso o lugar que corresponde a parte física da linguagem e sua representação é o texto. Segundo Orlandi (2007, p. 60-61) a linguagem no texto é: “onde ela é o som, letra, espaço, dimensão direcionada, tamanho. É o material bruto. Mas é também espaço significante”. Assim, os recortes para as sequências discursivas foram feitos a partir das

materialidades produzidas pelos alunos, através das imagens e suas falas referentes as suas obras.

Os recortes dos materiais coletados na intervenção foram selecionados com base nos objetivos da pesquisa que investigou e discutiu os procedimentos pedagógicos de desenvolvimento da autoria do texto visual por meio da análise de como os alunos dos Anos Iniciais produziram gestos singulares de interpretação sobre a cultura local. Os objetivos específicos da pesquisa foram centrados em analisar as produções observando o desenvolvimento da autoria e os gestos de interpretação sobre o tema proposto a partir das obras dos artistas do Grupo de Gravura de Bagé, assim como desenvolver procedimentos pedagógicos que estimularam a polissemia em sala de aula. Orlandi (1981, p.11) explica que “ a polissemia é o processo que na linguagem permite a criatividade”. E prossegue Orlandi (1981) explanando que a criatividade introduz o diferente quando rompe o processo de produção dominante de sentidos, o que produz um novo dizer.

As seções de análise foram divididas no discurso da seguinte forma: os discursos dos alunos sobre a cultura local e a autoria nas suas produções artísticas.

4 METODOLOGIA DA INTERVENÇÃO

A intervenção pedagógica iniciou pela contextualização do tema: cultura local, através dos textos visuais dos artistas do Grupo de Gravura de Bagé e foram organizadas em três temáticas a seguir especificadas. A primeira temática a ser abordada centrou-se na comida típica do município e região, o charque, sua produção, o abate do gado, os operários das charqueadas e as condições de trabalho em que labutavam. A seguir, abordamos a carroça como meio de transporte, e por último os santos católicos padroeiros da cidade. A partir da exposição dos temas e através das etapas da intervenção, observamos se os sujeitos-alunos produziram sentidos com efeito de autoria sobre o contexto sócio-histórico a que foram apresentados. As técnicas que remetem à gravura foram utilizadas pelos alunos para produzirem suas obras.

4.1 Contextualização do Tema da Intervenção

A escolha do tema refere-se à relevância para alunos do 5º ano produzirem sentidos singulares para a cultura local, e os Anos Iniciais se tornaram um terreno fértil para que pudessemos desenvolver ações e práticas pedagógicas que visassem novos saberes através do

efeito de abertura que é produzido pela materialidade do texto visual, o que contribui para a aprendizagem significativa.

Através dos textos visuais dos artistas do Grupo de Gravura de Bagé, iniciamos nossa intervenção pedagógica que foi organizada em três temáticas: a primeira temática referiu-se à produção de charque na década de 50, e às condições de trabalho dos operários. A segunda temática foi desenvolvida através do tema que apresentou a carroça como meio de transporte, e a terceira, apresentamos os dois santos católicos, padroeiros da cidade. Fizemos os recortes para a construção do arquivo pedagógico a partir dos gestos de interpretação sobre suas obras e que serviram de subsídio para a construção do *corpus* de análise da pesquisa.

Todas essas temáticas contribuíram para a produção de sentido e novos dizeres referentes à memória cultural. A cidade encenou fatos relevantes que ilustraram e identificaram a história local, desde e a sua fundação, em 1811, a partir de um acampamento organizado por Dom Diogo de Souza para descanso das tropas que se dirigiam⁶ para o Uruguai, por ocasião da guerra que ocorria naquele país. Ao prosseguirem, Dom Diogo solicitou que soldados doentes e demais que acompanhavam a tropa, ficassem no local, próximo ao rio, e assim, formou-se uma vila.

As charqueadas, no início do século XX, contribuíram para o desenvolvimento da cidade e da região, e embora ofertassem trabalho e renda para o sustento dos operários, o árduo ofício se desenvolvia em condições insalubres. A produção de charque, no início, era para suprir as necessidades dos estabelecimentos locais e regionais, porém tomou outra proporção e passou a abastecer o mercado nacional e países vizinhos. Não havia registros visuais dos operários em suas atividades que iniciavam com a chegada do gado e prosseguiam com todos os procedimentos até a comercialização do produto. Danúbio Gonçalves captou e documentou a rotina da charqueada através das gravuras, obras de cunho social, que originou a série em xilogravura “Xarqueadas”.

Na segunda temática, apresentamos a carroça como meio de transporte muito utilizado no século passado para o traslado de insumos ou trabalhadores e também fez parte das condições de trabalho dos trabalhadores quando nos reportamos ao século passado.

Os feriados municipais referentes aos Santos Católicos Padroeiros, São Sebastião e Nossa Senhora Auxiliadora, em 20 de janeiro e 24 de maio respectivamente, foram instituídos através de uma lei municipal que independente de credo, os fiéis prestam suas homenagens, com procissão luminosa e novenas. São Sebastião foi introduzido em 1811 quando os soldados trouxeram a imagem para o então povoado que mais tarde seria o município de Bagé. A

⁶ <https://www.bage.rs.gov.br/index.php/o-municipio/historia>

homenagem a Nossa Senhora Auxiliadora é marcada pelas velas votivas que iluminam as janelas da cidade. Esse costume iniciou em meados de 1940, por sugestão do padre Aquino Rocha, quando os soldados foram convocados para a Segunda Guerra Mundial, e seus familiares pediram em orações para que os mesmos regressassem.

Assim, tornaram-se relevantes os temas descritos acima, para que os discentes dos Anos Iniciais, 5º ano, produzissem sentidos com gestos de interpretação singulares e autoria, referentes à cultura local.

4.1.1 A Cidade de Bagé

Bagé é um município brasileiro localizado na Região da Campanha do estado do Rio Grande do Sul, e foi fundado em 17 de julho de 1811. Distante da capital gaúcha em 380 Km e da fronteira do país vizinho, Uruguai, aproximadamente 62 Km. Em meados de 1990, deu origem aos municípios de Aceguá, Candiota e Hulha Negra. A população bajeense em 2020 foi estimada em 121.335 habitantes⁷. As atividades econômicas concentram-se na pecuária, na agricultura e no comércio local. O território bajeense, antes de ser povoado, foi habitado por índios Guenoas, Minuanos e Charruas⁸, e assim de acordo com alguns historiadores, a etimologia da palavra Bagé teria vindo de Ibagé, pajé de uma tribo da região.

No ensino superior, Bagé possui universidades públicas, estadual UERGS, federal UNIPAMPA e dois centros universitários, URCAMP e IDEAU, e um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSUL, e a Educação Básica com turmas do maternal ao ensino médio.

O município se destaca no cenário nacional através da criação e reprodução de Cavalos Crioulos e Puro Sangue Inglês⁹, distribuídos nos campos que abrigam os estabelecimentos rurais, os Haras, responsáveis pelo aperfeiçoamento e tratamento dos equinos.

Na cultura, através das Artes Visuais, pintura e gravura, podemos citar, os artistas que fizeram parte do Grupo da Gravura de Bagé, o que será abordado mais especificamente em ação posterior. O Patrimônio Histórico Cultural da cidade reúne prédios como a Catedral de São Sebastião, Figura 01, o centenário Instituto Municipal de Belas Artes, o Palacete Pedro Osório, Figura 02, a Casa de Cultura Pedro Wayne, o Coreto Municipal, o Centro Histórico Vila de

⁷<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/bage/panorama>

⁸<https://www.bage.rs.gov.br/arquivo2/index.php/2018/05/04/256/>

⁹<https://www.canalrural.com.br/noticias/bage-destaca-criacao-venda-puro-sangue-ingles-para-outros-paises-3146/>

Santa Thereza são alguns locais históricos com relevância para a cidade. Na literatura, destacamos a escritora Edy Lima, autora de várias obras infanto-juvenis, como por exemplo “A vaca Voadora”. No esporte, Bagé possui dois times de futebol centenários, o Grêmio Esportivo Bagé e o Guarani Futebol Clube. Outros eventos fazem parte do calendário do município, como a Festa Internacional do Churrasco, o Festival de Música Internacional do Pampa, FIMP, com concertos realizados de forma gratuita, e o Festival Internacional de Cinema da Fronteira¹⁰.

Figura 01- Catedral de São Sebastião



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Catedral de Sao Sebastiao Bage RS](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Catedral_de_Sao_Sebastiao_Bage_RS)

Figura 02- Palacete Pedro Osório



Fonte: <http://www.patrimonio.org/bage-palacete-pedro-osorio>

Para discutir e registrar acontecimentos que identificam a cidade, pesquisadores bajeenses fundaram um núcleo de estudos referentes à memória histórica e o Patrimônio

¹⁰ <https://www.jornalminuano.com.br/2018/uma-decada-festival-da-fronteira-tem-inicio>

Cultural material e imaterial. O Núcleo de Pesquisas Históricas Tarcísio Taborda - NPHTT - foi fundado em 4 de maio de 1995 nas dependências do Museu Dom Diogo de Souza, e seus componentes se reúnem periodicamente para, além das discussões sobre a temática, publicarem as pesquisas de Tarcísio Antônio da Costa Taborda¹¹, historiador e fundador do Museu Dom Diogo de Souza. Garcia (2006, s/p) explana sobre o núcleo:

Os integrantes do NPHTT lançaram importantes trabalhos escritos sobre a história local, com livros publicados que se tornam importantes fontes de conhecimento e pesquisa sobre nossa história, em trabalhos individuais de grande expressão, como as publicações dos livros de Claudio Lemiesek, Elizabeth Fagundes, Eron Vaz Matos [...].

Uma curiosidade sobre a cidade refere-se ao fragmento¹² oriundo do satélite natural da Terra, a lua, adquirido em 1970. O referido fragmento não se encontra em exposição permanente no Museu Dom Diogo, porém em algumas datas comemorativas ao município pode ser observado.

Outra cultura enraizada na população bajeense, independente de credo, refere-se à procissão luminosa, Figura 03, e ao gesto de acenderem velas nas janelas em homenagem à Nossa Senhora Auxiliadora¹³.

Figura 03 - Procissão Luminosa



Fonte:<https://nucleodepesquisashistoricas.blogspot.com/2016/05/nossa-senhora-auxiliadora-e-as-velas.html>

Para discorrermos sobre Bagé, é oportuno citarmos as charqueadas que deram origem aos frigoríficos da cidade, em que estas contribuíram para a economia do município no século

¹¹ <http://bagefuturo.blogspot.com/2014/07/quem-foi-tarcisio-antonio-costa-taborda.html>

¹² <https://gauchazh.clicrbs.com.br/tecnologia/noticia/2019/07/pedaço-da-lua-podera-ser-visto-em-bage>

¹³ <https://jornalfolhadosul.com.br/noticia/2021/05/18/historia-da-vela-votiva-da-nossa-senhora-auxiliadora>.

passado, através ciclo do charque. Em 1891, iniciou a charqueada da Companhia Industrial Bajeense¹⁴, e em 1897, surge a Charqueada Santa Thereza, e em 1902, a Charqueada de São Martim e São Domingos, e em 1903, a Charquada de Santo Antônio. Através desses estabelecimentos, o município arrecadava impostos, os criadores de gado negociavam os animais diretamente na cidade, pois antes levavam o gado até Pelotas ou Montevidéu. As charqueadas permaneceram ativas até meados de 1950, e serviram de inspiração para o artista plástico Danúbio Gonçalves, que através de suas obras, que são registros históricos, denunciava as condições de trabalho dos operários nesse estabelecimento chamado saladeiril. O município e a região desenvolveram-se a partir das charqueadas¹⁵, e a história e a cultura local entrelaçam-se por um fio condutor: o ciclo do charque. A Figura 04 traz a imagem dos operários no varal do charque.

Figura 04- Varal de Charque



Fonte: <http://cidadebage.blogspot.com/2011/01/centro-historico-e-cultural-vila-de.html>

4.1.2 A Escola Municipal de Ensino Fundamental Kalil A. Kalil

A EMEF Kalil Abdala Kalil, instituição que nos oportunizou aplicarmos pesquisa no Mestrado Profissional em Ensino de Línguas, está localizada no bairro Stand, em Bagé, RS, e foi criada através do decreto Municipal número 738/85. Oferta Educação Infantil, Anos Iniciais, Anos Finais e Educação de Jovens e Adultos. O prédio administrativo da escola está dividido

¹⁴ <https://www.jornaldocomercio.com/site/noticia.php?codn=22996>

¹⁵ <http://claudioantunesboucinha.blogspot.com/2010/08/visconde-de-ribeiro-magalhaes.html>

em sala do diretor, sala do orientador educacional, sala do supervisor, sala dos professores, banheiro e uma sala de instrumentos de música. O bairro em que a escola está localizada, é periférico, tem característica de zona rural. Observa-se cavalos, vacas e muitos cães que andam livremente pelas ruas do bairro. Ainda, possui uma Escola Municipal de Ensino Fundamental e outra de Educação Infantil, um posto da saúde, para moradores da comunidade, uma linha de ônibus, em horários alternados, que se dirige até o centro da cidade e alguns estabelecimentos comerciais, como minimercados e mercearias.

O Projeto Político Pedagógico da escola se divide em dezenove capítulos, e traz em sua redação:

A escola enquanto espaço de construção e saberes, direitos e deveres, busca a promoção do sujeito, visando o exercício pleno da cidadania, a consciência crítica e a participação democrática, num fazer prazeroso, que leve ao educando, a percepção de ser sujeito de construção e pertencimento, à sociedade na qual convive. Na área da educação, o planejamento se reveste em um instrumento fundamental para operacionalização dos objetivos, no sentido de alcançar as finalidades educativas. Com base nesta afirmação a escola pretende formar agentes participativos, conscientes do seu papel na sociedade, respeitando as diferenças individuais, partindo da realidade, onde o papel do professor é promover a inclusão de todo aluno.

A escola desenvolve projetos que estimulam os alunos a superarem limites, revendo conceitos e atitudes para que possam contribuir de forma positiva no contexto escolar. A avaliação, conforme o Projeto Político Pedagógico, ocorre por processo cumulativo e participativo em que o ato educativo é percebido com o ensino e aprendizagem.

Dessa forma, elaboramos para este contexto escolar uma proposta que contemplou os Anos Iniciais, mais especificamente o 5º ano. Entendemos que a intervenção pedagógica que propomos contribuiu para a formação de agentes participativos conscientes do seu papel na sociedade, como propõe o Projeto Político Pedagógico Político da escola, pois promove a produção de sentido e autoria sobre os temas propostos.

4.2 Técnicas de Gravura

A xilogravura é uma técnica de gravura em que se usa a madeira como matriz para a reprodução de cópias. A impressão em madeira, nas cores preta e branca, iniciou na China, no século VI, logo após a fabricação do papel. A técnica de xilogravura é usada desde os primórdios da civilização, isto é, o traço em superfície plana de madeira em que o desenho ao ser entalhado invertido e na impressão no papel surge na mesma forma que o modelo original. A xilogravura pode ser produzida em duas formas: a xilogravura de fio e a xilogravura de topo. A primeira se caracteriza pelo corte longitudinal feito na árvore, da copa à raiz, e a segunda, quando o corte na madeira é produzido em forma de disco. Assim, a xilogravura

produzida por material rústico é unidade de análise e sua textura produz efeitos de sentido como diz Fernandes (2017, p. 186): “entalhar os desenhos na madeira, [...] para produzir certos efeitos de sentido, porém de modos diferentes”. Além da xilogravura, outra técnica de gravura utilizada pelos artistas era o linóleo, a qual a matriz é gerada em uma base sintética.

Grandes mestres, utilizaram gravuras para produzir sua arte, inclusive para a representação sacra que produziam efeitos com sentido comercial, como discorre Leite (2011, p. 93) a seguir:

[...] e as primeiras pranchas gravadas foram consagradas às imagens religiosas, desenhadas pelos monges. Grosseiramente gravadas e coloridas com cores vivas, essas representações de episódios da vida de Cristo e dos santos favoritos eram compradas pelos viajantes que faziam suas peregrinações através da Europa.

A técnica da gravura usada na sala de aula, tornou-se uma ferramenta que deu suporte necessário aos alunos na construção dos textos visuais pelo gesto de interpretação e autoria em seus trabalhos. A intervenção em sala de aula com alunos já alfabetizados foi feita com materiais que remetem à xilogravura, de superfície plana, como o isopor e a argila, materiais de fácil manuseio para os alunos. Através desses instrumentos, foi possível observar como os sujeitos-alunos se posicionaram diante dos textos visuais e se o processo foi polissêmico.

4.3 Etapas da Intervenção

As temáticas que abordamos com alunos, inserem-se no contexto sócio-histórico cultural local que organizadas em três tópicos, foram expostas na sala de aula. Iniciamos com o charque como “comida típica” e as condições de trabalho em diferentes contextos. Nessa etapa, usamos vídeos¹⁶ da plataforma You Tube, que apresentou imagens com fundo musical da composição “os homens de preto”. Para a primeira etapa, foram reservados 120 minutos com sete momentos divididos em dois dias. Cada dia foi utilizado 60 minutos. A segunda etapa realizamos em 90 minutos com a temática “meio de transportes, a carroça”. A terceira etapa foi organizada em 90 minutos e o tema apresentado foi referente aos “Santos Católicos Padroeiros” da cidade, Nossa Senhora Auxiliadora e São Sebastião. A Intervenção Pedagógica foi finalizada na quarta etapa, da qual, os alunos organizaram, em vinte minutos, os murais para exporem suas produções, na sala de aula pelo tempo de uma semana.

As etapas foram desenvolvidas através das atividades pedagógicas propostas, que incluíram imagens visuais digitais e impressas, livros, vídeos, que apresentaram assuntos

¹⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=aXt7CF7okYY>

pertinentes à pesquisa. No final de cada etapa, observamos os movimentos dos sentidos entre paráfrase e polissemia referentes ao contexto cultural que foi abordado, ao construírem suas obras através das técnicas que remetem às gravuras, e se houve deslizamento e produção de sentido. As aulas foram gravadas, fotografadas e registradas em textos verbais, o que nos proporcionou a construir *corpus* discursivo para a análise da intervenção pedagógica. Após a intervenção, as obras foram expostas na sala de aula, para a apreciação dos colegas, professores e funcionários da escola.

4.3.1 Comidas Típicas: em destaque o charque

Nessa primeira etapa da intervenção pedagógica, fizemos uso de vídeos, usando a ferramenta tecnológica You Tube, e imagens impressas da obra “Xarqueada”, de Danúbio Gonçalves. Utilizamos 120 minutos divididos em sete momentos e distribuídos em dois dias. Os materiais que foram usados para a produção das gravuras: bandejas de isopor, blocos de argila, lápis comum, palitos, rolo para pintura, tinta guache na cor preta e 4 m papel *kraft*. Essa atividade teve por objetivo estimular os alunos a refletirem sobre as condições de trabalho no contexto das charqueadas, observando seus gestos de interpretação e autoria e produção de sentido, através da técnica de gravura sobre os temas propostos.

► Primeiro momento: (15 min.). Ao iniciarmos a etapa sobre “Comida Típica”, fizemos uma introdução apresentando doze textos visuais nas cores preta e branca, provenientes do livro “Xarqueadas” do artista Danúbio Gonçalves, que revelam o cotidiano em uma charqueada na década de 1950 e os passos que antecede a produção do charque, como o abate do gado, a salga até chegar ao nosso consumo. Abordamos as condições de trabalho da década de 50, da época em que os textos visuais foram registrados, e do momento em que estamos inseridos. Nesse momento, apresentamos um pacote de charque embalado e passamos a dialogar sobre o processo em que atualmente adquirimos o charque.

► Segundo momento: (15 min.). Após a leitura das imagens, apresentamos um vídeo¹⁷ intitulado “A Glamorosa História do Charque”, que narra de forma sucinta como iniciou o ciclo do charque no Rio grande do Sul, e passamos a dialogar sobre o conteúdo do mesmo, sobre as condições de trabalho que os operários enfrentavam para prover o sustento das famílias. Após a discussão em aula, observamos as produções de sentidos dos alunos.

► Terceiro momento: (30 min.) Os alunos construíram suas obras em argila;

¹⁷<https://www.youtube.com/watch?v=jCBWWxNEri8>

► Quarto momento: (10 min.) iniciamos com um vídeo¹⁸ com duração de 3 minutos e meio, e que trouxe a música intitulada “os homens de preto”, interpretada pelo Grupo Caverá, que imagens dos tropeiros, que conduziam o gado para as charqueadas. Após dialogamos sobre as imagens e a música, com o tema pertinente à proposta.

► Quinto momento: (20 min.) Após a exibição do vídeo descrito na atividade anterior, os alunos produziram outras obras, desta vez no isopor;

► Sexto momento: (10 min.) Após, à medida que os alunos entintavam as obras, uma de cada vez, em argila e isopor, e dirigiram-se ao mural para carimba-las;

► Sétimo momento: (20 min.) solicitamos que os alunos produzissem textos verbais sobre a temática proposta e logo após textos orais foram gravados.

Nessa etapa da intervenção, observamos a produção de sentido dos alunos, com gestos singulares de interpretação através de processos polissêmicos referentes ao tema proposto. Observamos, ainda, as identificações referentes ao contexto histórico-social sulino e local. Construimos então o nosso *corpus* discursivo do arquivo pedagógico, através dos registros em textos verbais, orais e registros fotográficos.

4.3.2 Meios de Transportes: Carroças

Nessa segunda etapa, aplicamos a intervenção pedagógica em 90 min e as atividades foram divididas em cinco momentos. Através de imagens que contextualizaram esse meio de transporte “carroça”, também chamada de “charrete” ou “carreta”, iniciamos essa etapa. Para desenvolver essa etapa foram usados, pelos discentes, os seguintes materiais: bandejas de isopor, lápis preto comum, rolos para pintura, tintas guaches nas cores verde e vermelha, e o papel *kraft*. A aula foi gravada e fotografada para fazer parte do arquivo de pesquisa que servirá à construção do *corpus* discursivo. Essa atividade teve por objetivo compreender como os sujeitos-alunos interpretaram as materialidades dos textos visuais.

► Primeiro momento: (10 min.). Nessa etapa, abordamos o meio de transporte “carroça”, que pode ser chamada de “charrete” ou “carreta”. Através das imagens impressas apresentadas, passamos a dialogar sobre essa temática e observamos a produção de sentido dos alunos.

¹⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=aXt7CF7okYY>

► Segundo momento: (30 min.). Solicitamos que os alunos produzissem duas obras, isopor e argila. Enquanto produziam, um fundo musical foi entoado com as músicas “Roda Carreta¹⁹” e “Carreta²⁰”.

► Terceiro momento: (10 min.). Os alunos entintaram seus dois trabalhos em cores que estavam disponíveis: preta, verde e vermelha.

► Quarto momento: (10 min): Os alunos dirigiram-se ao mural e carimbaram as obras;

► Quinto momento: (30 min.). Solicitamos aos discentes que produzissem textos verbais sobre as gravuras e após os mesmos gravaram depoimentos referentes à etapa desenvolvida pela intervenção pedagógica. Observamos os gestos de interpretação e autoria produzidos pelos alunos.

4.3.3 Os Santos Católicos Padroeiros da Cidade

Aplicamos essa Intervenção Pedagógica em 90 min, que foram divididos em seis momentos. Para essa etapa do trabalho, foram usados: bandejas de isopor, lápis preto, rolo para pintura, guaches nas cores verde e vermelha, cola bastão, tesouras, folhas de papel A4, papel celofane colorido e papel *Kraft*.

Nessa terceira etapa, apresentamos os Santos Católicos Padroeiros da cidade por fazerem parte da memória histórico-social e cultural do município. Utilizamos imagens digitais e impressas, dos santos, das igrejas e da procissão com as velas votivas²¹. Trabalhamos com a obra sacra de Santa Thereza e analisamos os gestos de interpretação dos alunos referente à padroeira da cidade, Nossa Senhora Auxiliadora. Os dias destinados às comemorações dos padroeiros, são feriados municipais. A cidade possui dois padroeiros: São Sebastião comemorado em 20 de janeiro, e Nossa Senhora Auxiliadora com data festiva em 24 de maio com uma procissão luminosa. Independente do credo, os moradores acendem velas nas janelas a partir das 18h. Esse hábito, vem da época da II Guerra Mundial, quando a maioria dos homens partiram para os confrontos, permanecendo na cidade apenas as crianças, mulheres e pessoas com a saúde comprometida. O padre Edgar Aquino Rocha, em 1933, sugeriu que acendessem velas na janela pedindo a proteção da santa para seus familiares que estavam nos campos de batalha. Assim ficou enraizada essa cultura local. Os alunos produziram gravuras que materializaram seus gestos de interpretação, a partir das leituras visuais que registraram o momento sacro da cidade. Os alunos elaboraram uma obra, em isopor, entintaram e

¹⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=decpYav08WQ>

²⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=tTdCmkLGyqA>

²¹ Usamos papel como material para confeccionar as velas votivas.

carimbaram-na no mural coletivo. A seguir, construíram, com papel A4 e celofane, velas estilizadas, para simbolizar as velas votivas presentes nas imagens referentes ao tema proposto dessa etapa. O objetivo dessa etapa foi produzir sentidos singulares através do processo de polissemia.

► Primeiro momento: (10 min.). Apresentamos os textos visuais digitais e impressos, sobre os Santos Padroeiros Católicos, a partir da contextualização sobre os dias feriados em homenagem aos mesmos;

► Segundo momento: (20 min.). Os alunos iniciaram suas obras desenhando no isopor, a partir dos textos visuais apresentados de São Sebastião e de Nossa Senhora Auxiliadora, assim como as imagens das Igrejas que levam o nome dos santos, e cada aluno produziu uma obra dentro da temática proposta;

► Terceiro momento: (10 min.). Os alunos entintaram suas obras nas cores vermelha e verde e posteriormente carimbaram no mural;

► Quarto momento: (15 min.). Os alunos desenharam no papel A4, imagens que remetem a velas votivas conforme a temática dessa etapa;

► Quinto momento: (15 min.). As obras, no papel A4, foram recortadas, vazadas e posteriormente foram coladas junto ao papel celofane colorido, e foram anexadas em outro mural coletivo;

► Sexto momento: (20 min.). Os alunos percorreram em textos verbais e novamente gravaram depoimentos sobre suas obras, em gravuras e colagem do papel celofane. O objetivo dessa etapa foi promover a produção do efeito de autoria.

4.3.4 Exposição das Produções dos Alunos

A quarta etapa da intervenção é a exposição das produções visuais dos alunos (20 min): constitui-se da finalização da Intervenção Pedagógica em que os alunos organizaram uma exposição na sala de aula, que permaneceu por dez dias para apreciação dos demais colegas e professores, e da direção e funcionários.

A composição do arquivo pedagógico da intervenção ficou completa ao final da etapa com registros dos alunos feitos através dos textos verbais e vídeos gravados. Observamos, registramos e analisamos os gestos de interpretação dos discentes. Os recortes discursivos foram necessários para analisarmos as materialidades produzidas pelos alunos e a produção de sentido singular e efeito de autoria quanto ao contexto sócio-histórico e cultural em que estão inseridos.

5 AS OBRAS DOS GRAVURISTAS

As obras do Grupo de Gravura de Bagé que fizeram parte da intervenção pedagógica contribuíram para leituras do contexto ligado à herança cultural da cidade. De cunho social, algumas obras foram criadas na metade do século XX e representavam a realidade da época. Através do discurso pedagógico polêmico, aplicamos a unidade didático-discursiva, cujo resultado foi analisado segundo o dispositivo teórico da Análise do Discurso. Tfouni-Assolini (2012, p. 5) afirmam: “o analista do discurso tem por objetivo compreender e interpretar os processos discursivos tais quais determinados pela história em sua relação com a memória de um dizer [...]”. A materialidade do texto visual possibilita o movimento que ocasiona o efeito de abertura produzindo sentidos, pois é aberto à exterioridade e cruzam as fronteiras da linguagem. “Há algum tempo, a AD ultrapassou a dicotomia entre o verbal e o não-verbal, passando a entender que tudo o que produz sentido é da ordem do discursivo e está sujeito às coerções próprias do discurso e demanda interpretação”. (INDURSKY, 2011b, p. 1).

E ao analisarmos o texto visual, reportamo-nos as noções de *studium* e *punctum*. “É pelo *studium* que o artista faz seu registro histórico, mas é pelo *punctum* que ele estabelece contato com o espectador, convocando-o a associar-se a sua indignação e, dessa forma, exercer junto com ele e, através dele, um movimento de resistência[...]”. (INDURSKY, 2011b, p. 7). Assim, os textos visuais das obras dos artistas mobilizaram outros dizeres, através dos processos polissêmicos, pelas condições de produção e gestos de interpretação. As obras apresentaram o *studium*, ou seja, o tema abordado pelo sujeito-artista, o que estava visível na imagem e, a partir da produção de sentido pelo sujeito-aluno, este mobilizou a leitura pelo *punctum*.

5.1 Artistas do Grupo de Gravura de Bagé

Na metade do século XX, um grupo de artistas bajeenses se destacou na música, obras literárias, poesia, teatro, porém se solidificou através das artes plásticas, a pintura e a gravura. Ultrapassavam fronteiras e apresentavam em suas obras o trabalho de sobrevivência que fomentava a economia regional, a criação de gado e a produção de charque. Registravam também o cotidiano, os afazeres domésticos, as lidas campeiras, refletindo a essência que o momento proporcionava. O Grupo de Bagé, inicialmente, foi constituído por outros artistas, porém, consolidou-se com os bajeenses Danúbio Gonçalves (1925-2019), Glênio Bianchetti (1928-2014), Glauco Rodrigues (1929-2004) e o santa-mariense Carlos Scliar (1920-2001) que juntos difundiram a cultura local. Suas obras encontram-se espalhadas em acervos e lugares de destaque, como entre outros, no Senado Federal. Em 1977, fundam o Museu da Gravura

Brasileira, que guarda um acervo do referido Grupo. O Museu, encontra-se sob a responsabilidade da Universidade da Região da Campanha - URCAMP em Bagé. O poeta e romancista Pedro Wayne, que mantinha contato com os escritores Érico Veríssimo e Jorge Amado, foi um grande incentivador dos jovens artistas. Reunia-os em sua casa para estudarem e discutirem técnicas artísticas, sendo que as mais empregadas eram pinturas e xilogravuras. O Grupo serviu de motivação para que outros surgissem como discorre Assumpção (1975, p.67):

A atividade mais prestigiosa dos jovens foi a realizada na gravura. Não só foi criada uma vantagem toda especial pela arte, com a fundação do “Clube da Gravura de Bagé”, pois havia um número bastante grande de sócios efetivos e de sócios contribuintes como também a iniciativa serviu de exemplo, surgindo instituições da mesma espécie em toda a parte. Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, etc., passaram a arregimentar seus elementos.

As obras de Danúbio, e aqui destacamos as xilogravuras, apresentavam a dura realidade das miseráveis condições de trabalho. Exigiu estudo do artista para cada etapa da obra artesanal que vai do projeto criativo à transposição para a madeira, no entalhe preciso para a gravação, “das provas de estado, das provas de cores até chegar ao resultado desejado para se fazer uma edição”. (GONÇALVES, 2000, p. 27).

Danúbio permanecia absorvido pelo tema do abate na charqueada, estudava todos os movimentos que o momento lhe proporcionava, Leite (2011, p. 95) diz que “esses estudos por serem traçados no local da cancha de carneação do gado, representam uma realidade do trabalho social de uma época”. Danúbio apresentava através de sua arte as condições do trabalho insalubre em que os operários eram expostos, como o uso de facas afiadas, o contato com o odor do couro e sangue do animal.

Danúbio não seguiu a sugestão de seu pai de se tornar médico, e foi morar no Rio de Janeiro. Em 1945, frequentou o atelier de Cândido Portinari. Estudou na fundação Getúlio Vargas. Percorreu o Brasil e países europeus em busca do constante aprimoramento de sua arte.

Outro participante do Grupo da Gravura de Bagé que se destacou também na pintura foi Glenio Bianchetti. Suas obras que retratam a “Via Sacra”, encontram-se na Capela do Centro Histórico Vila de Santa Thereza em Bagé-RS. Trabalhamos na intervenção pedagógica com a obra sacra de Glenio Bianchetti intitulada “Santa Thereza D’Ávila”. Bianchetti deixou um legado enaltecendo os temas regionalistas, e ainda, foi um exímio gravurista, ao qual descreve Assumpção (1975, p. 59) “o artista encontrou-se definitivamente na gravura. Foi o setor onde melhor projetou sua capacidade criadora”. Suas obras se encontram em acervos espalhados pelo país. Seu trabalho propiciou aos sujeitos-alunos leituras polissêmicas, pois houve efeitos de abertura para interpretações.

A gravura também fez parte das obras de mais um integrante do referido grupo, Glauco Rodrigues, que iniciou a pintar antes de concluir seus estudos no secundário. Assumpção (1975,

p. 52) “Aplicou-se desde o começo à criação do tipo realista, com assuntos regionais”. Glauco, também não fugiu aos temas de cunho regionalista, e sua obra fornece também leitura polissêmica.

O Grupo de Gravura de Bagé se completava com o santa-mariense Carlos Scliar. O artista, uniu-se ao grupo em meados de 1950 contribuindo com obras em gravuras e pinturas, das quais favorecem a polissemia junto aos sujeitos-alunos. Scliar morou um período na Europa, e ainda, participou na segunda guerra mundial ao ser convocado pelas Forças Expedicionárias Brasileiras – FAB.

Consideramos que esses artistas contribuíram para a construção da memória social não apenas da cidade de Bagé, mas da região. Os fatos históricos quando são retomados, os sentidos “[...] vão constituir uma memória que é social, [...] São os discursos em circulação, urdidos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos, regularizados”. (INDURSKY, 2011a, p. 71). A memória pode se mostrar ao sujeito como sendo algo que não fora enunciado. A memória social é a junção com a memória coletiva, o que ainda está presente no grupo e a memória histórica que são acontecimentos que precedem ao tempo. Fernandes (2020, p. 208) diz que, “no entanto, não é qualquer acontecimento que adquire espaço na memória social, é preciso, antes de tudo, que sua circulação repercuta socialmente, e não apenas em um grupo fechado”. Ou seja, para a memória social é para a comunidade, os fatos que são do conhecimento de todos que fazem parte do local, e não apenas de um grupo de sujeitos. Enquanto que a memória discursiva mobiliza sentidos de dizeres anteriores, que estão no interdiscurso, ou seja, no que já fora dito.

A arte de Danúbio Gonçalves contribuiu para a memória social, uma vez que faz parte do “arquivo institucional que passa a (re) contar a história segundo aquilo que pode e deve ser contado, produzindo, então, o efeito de uma história oficial”. (FERNANDES, 2020 p. 210). Exploramos então, as obras em gravuras e pinturas, dos artistas, e observamos que produziram efeitos de sentido em sujeitos-alunos dos Anos Iniciais, 5º ano, mobilizando a memória discursiva.

Danúbio Gonçalves foi o único dos quatro artistas do Grupo da Gravura de Bagé que permaneceu no Rio Grande do Sul. Os outros fixaram residência em outros estados, porém suas obras fazem parte de acervos espalhados no país.

5.2 A Obra “Salga”

A obra “Salga” de Danúbio Gonçalves faz parte da série em gravuras intitulada “Xarqueadas”. Iniciaremos nossa intervenção com essa obra, e mesmo não sendo a primeira

ação após o abate, há elementos pertinentes para a produção de sentido e gestos de interpretação.

Figura 05 - Obra Salga



Fonte: LEITE (2011). Disponível em: <https://pt.slideshare.net/xarqueadas/livro/p.142>.
Xilogravura de 1953. Acervo do Museu do Charque em Pelotas-RS

Leite (2011, p.142) descreve a obra da seguinte forma: “Este é o trabalho nos tanques de salmoura. Aqui vemos oito homens segurando grandes varas de madeira, com aproximadamente dois metros e meio de comprimento[...]”. Os operários que trabalhavam no tanque eram chamados de mergulhões²², e posicionavam-se mantendo a carne na água com sal. A imagem mostra alguns detalhes da produção de charque, e ainda, como eram dispostos os instrumentos e utilitários pertinentes às atividades laborais que o espaço abrigava. Pode-se observar a postura dos operários enquanto desenvolviam suas atividades ou enquanto aguardavam para dar prosseguimento ao trabalho na charqueada. Danúbio registrou as últimas atividades na Charqueada que daria lugar a um frigorífico, e Leite (2011, p.145) diz: “[...] ali teve início um moderno e bem equipado frigorífico”. O novo empreendimento, com maquinários que substituíram a mão de obra, tornaram a produção mais rápida, mas não ofereceram melhores condições de trabalho que continuaram insalubres para os trabalhadores. A imagem apresenta operários para cujas funções se exigia força braçal. Esses operários são representados com feições sisudas, atentos as suas funções.

Outro sentido para a cena remete à tarefa de marcação do gado com ferro quente que identificava a propriedade rural a que o mesmo pertencia. No dia da marcação, reuniam-se patrões e operários. Esses trabalhadores, alguns semianalfabetos, com famílias numerosas para

²² Operários que empurravam as mantas de carne para o interior do tanque de salga.

prover o sustento, faziam parte do ciclo que envolvia essa produção, do abate até o consumo da carne. O estanceiro mantinha seu capital às custas do trabalho dos operários que sobreviviam para o sustento da família.

O sujeito-artista registrou os movimentos singulares dos operários nesse trabalho que interpretamos como insalubre, e a imagem mobiliza uma memória, e há elementos pertinentes para a produção de sentido e gestos de interpretação.

Observa-se um grupo de trabalhadores sentados enquanto um operário permanecia em posição de observador, e pelo gesto físico, interpretamos que é uma posição autoritária, e fiscalizadora do trabalho dos demais. O texto visual ainda representa a movimentação do local e os utilitários usados na função após o abate do gado, como um carrinho de mão utilizado para carregar partes da carne abatida ou detritos. A materialidade da imagem conduz a leituras polissêmicas, ou seja, mobiliza a memória discursiva que instaura novos dizeres que passam das condições de trabalho ao consumo excessivo da carne. Atribuindo sentidos ao texto visual, leva-nos à Formação Discursiva em que o sujeito-artista se inscreveu, a partir de uma posição-sujeito que questiona a cultura local nos induz a uma prática alimentar que depende do abate do gado, para obter a carne para assar, o churrasco ou cozinhar com arroz, o charque.

Essa imagem é provocativa, uma vez que abre questionamento sobre as condições de trabalho dos operários no espaço físico do galpão, insalubre e infecto. E o limite físico dos trabalhadores seria imposto ou respeitado para desenvolver as múltiplas tarefas. Esses são alguns sentidos que se pode produzir para a cena.

A imagem apresenta dezesseis operários no espaço da charqueada, e mostra enquanto uns trabalham outros aguardam sentados. Haviam cumprido a jornada diária de trabalho prevista ou estariam descansando alguns minutos. Outros sentidos se tornaram possíveis como, por exemplo, o número de operários necessários para as atividades, e se o abate ocorria todo o ano ou em determinados meses.

Outros discursos sobre a prática laboral se evidenciaram a partir da materialidade textual da obra em tela. Outros efeitos de sentidos são mobilizados para a leitura a partir das condições de produção, a exterioridade, como por exemplo, as vestimentas que usavam para o trabalho, e se as mesmas estariam adequadas para o trabalho no espaço do galpão. A opacidade da imagem permite que se instaure um processo polissêmico ao interpretarmos o que não está visível na obra como, por exemplo, a participação no abate dos operários registrados na cena, e ainda, os bovinos permaneciam calmos ou agitados, nos instantes que precedem ao abate.

Os procedimentos para o abate do gado passaram por mudanças desde o registro das obras de Danúbio Gonçalves, tornaram-se mecanizados e as vestimentas são mais apropriadas, porém as condições de trabalho continuam insalubres.

A memória coletiva reúne fatos que ainda circulam em uma determinada comunidade, como a condução do rebanho feita por tropeiros, responsáveis em levar a tropa até o seu destino, que poderia levar semanas. A memória discursiva é mobilizada quando faz o movimento de retomada do fato podendo trazer um novo dizer, que rompe pelo processo de polissemia, é o novo sentido a partir do que já existia. A posição-sujeito do artista indica que este, inscreveu-se na Formação Discursiva da Arte, e sua obra produz impacto ao fazer o espectador refletir sobre os acontecimentos retratados nela.

5.3 A Obra “Espera”

A obra “Espera” também faz parte da série “Xarqueadas” do artista Danúbio Gonçalves. É uma imagem que representa momentos antes do abate. Pelas posições dos operários, com semblantes tensos, atentos e por portarem facas afiadas, podemos interpretar que desempenhavam, no ciclo do charque, funções nas atividades de abater ou desossar o gado.

Figura 06 - Obra A Espera



Fonte: GONÇALVES (2000). Xilografia de topo, 20x20cm, 1953.
Acervo do Museu Contemporâneo da Universidade de São Paulo - SP
Disponível em: <https://pt.slideshare.net/xarqueadas/livro/p.116>. Acesso em 02 agosto 2021.

A imagem acima apresenta, em sua composição, apenas homens, sete, em que o contexto do espaço não está visível, porém interpretamos que seriam operários da Charqueada. Observamos que há negros e brancos, reunidos com um objetivo em comum: abater e carnear o animal que devia estar pronto no matadouro. Leite (2011, p. 117) observa: “nota-se uma tensão e um equilíbrio que fascina, no silêncio e no descanso prestes a terminar. É uma composição circular, que prende o espectador pela força que dela emana”. Estão dispostos,

agrupados e à espera do próximo animal para continuar a produção do charque. Portam facas que estariam afiadas para serem utilizadas na próxima ação: o abate.

A gravura mostra a vestimenta costumeiramente utilizada pelos abatedores: aventais usados para proteger a roupa do sangue do animal. Porém, não usavam máscaras que os protegeriam dos odores que o local deveria estar impregnado. A imagem reporta à estação da primavera ou verão, pois as vestes são leves e os pés estão descalços, o que além da denúncia das condições de trabalho, a situação econômica e financeira dos operários que trabalhavam no estabelecimento rural. Outros sentidos para a cena em tela, destacamos que se ocorresse desentendimentos entre os trabalhadores, seria fatal, pelas facas que os mesmos utilizavam como ferramenta de trabalho e também se caíssem nos pés descalços.

Outros dizeres são mobilizados, assim como a imagem anterior, uma vez que as figuras em cena, foram fundamentais para a cadeia produtiva da região, uma vez que estavam inseridos nas atividades laborais de uma charqueada. Há produção de sentido na obra “Espera”, através das condições de trabalho oferecidas aos operários das charqueadas na década da criação da obra. Ao compararmos as condições de trabalho da década de 50 do século XX ao atual momento, outro século, observaremos que não houve mudanças tão significativas para os operários.

5.4 A Obra “Carneadores”

A obra a seguir também faz parte da série “Xarqueadas” do artista Danúbio Gonçalves, e narra visualmente o trabalho braçal executado pelos operários de uma charqueada no município de Bagé-RS.

Figura 07 - Obra Carneadores



Fonte: GONÇALVES (2000). Xilogravura de topo, 19x25 cm, 1953.

Acervo Pinacoteca Municipal de São Paulo - SP.

Disponível em: <https://pt.slideshare.net/xarqueadas/livro/p.113>. Acesso em 02 de agosto de 2021.

Sete figuras masculinas compõem a imagem acima. Embora nem todos estejam envolvidos com os animais abatidos, a atividade seria desempenhada após ao abate e atribuída a determinados operários, dentro da engrenagem laboral da charqueada da qual o artista registrou em suas obras no ano de 1950. Observamos que há operários distribuídos para a função de tornar os animais em pedaços de carne, antes de ir para o tanque da salga. Sobre essa cena Leite (2011, p.113) comenta: “Dois bovinos estão sendo carneados. No primeiro plano, quase paralelamente, dois homens inclinados, carneiam o bovino. O que está mais à esquerda tem o corpo arqueado e, com o braço direito, faz um corte no quarto do animal [...]”. Essa imagem, como as outras, mostra as condições dos trabalhadores, com os pés descalços, com bonés, porém sem máscaras, o que interpretamos como sendo indispensável pela insalubridade que o local deveria estar exposto.

A atividade que está na cena acima, acreditamos que seria executada em algumas horas, e que seria repetida mais vezes, se considerarmos um número superior a dez abates diários. Há um operário que estava higienizando o local, pois está com balde de água, enquanto outro observa o trabalho dos demais, portando uma faca, que, não sabemos se já foi usada ou será usada nas funções após o abate. Há partes das reses abatidas no chão, como uma cabeça do gado e, ao mesmo tempo, os animais eram divididos no chão do galpão.

5.5 A Obra “Carroça e Carreta no Galpão”

Carlos Scliar é o autor da obra intitulada “Carroça e Carreta no galpão”, produzida em linóleo²³ que faz parte da série “Estâncias”. Quadros (2010, p. 82) fala sobre a técnica de linóleo que “é trabalhada da mesma forma que a xilogravura, porém com resultado final sem texturas, diferente da madeira”. O desenho é entalhado em uma superfície lisa, o que serve para o artista como ferramenta na construção de suas obras.

Figura 08 - Obra Carroça



Fonte: QUADROS (2010 p. 84). Obra de 1956. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br>. Acervo do Museu da Gravura Brasileira. Bagé-RS

Na imagem acima, observamos dois meios de transportes e um deles contém utilitários que nos remete às atividades campeiras, do meio rural. Sete décadas separam a criação da obra desta análise. Ao observarmos a imagem, o plano de fundo mostra as paredes como se fossem feitas por blocos de madeira, rústicos, e arreios suspensos. A madeira para construir o muro provém das árvores as quais, atualmente, precisam de autorização para esses cortes, o que não ocorria em meados de 1950. A cena poderia se passar no meio urbano, pois a carroça, por enquanto, pode movimentar-se pelas ruas de uma cidade. Os cavalos, na cidade, precisam permanecer em local seguro, diferente do meio rural o qual o ambiente é outro.

A obra leva a gestos de interpretação singulares dos alunos dos Anos iniciais através dos significantes visuais que constituem a textualidade visual. Há elementos pertinentes para interpretação e efeito de abertura para outros dizeres, pois, ao analisarmos, percebemos o contexto que a obra sugere que seja o meio rural, pois a imagem apresenta, junto à carroça, objetos que provocam esse sentido. No entanto, durante a intervenção, observamos que os

²³ Placa de material sintético

alunos interpretaram que a carroça transitava no meio urbano. Esse movimento de sentidos promove o que explica Indursky: “[...] um efeito de sentido é tomado pelo outro efeito de sentido, e isso indica que ocorreu um deslizamento de sentidos”. (INDURSKY 2011a, p. 79).

Através do processo polissêmico, observamos que os alunos interpretaram que as carroças transitavam acentuadamente no meio urbano na década em que a obra foi produzida, levando-se em consideração que a cidade era menos povoada. Ainda, há deslizamento de sentidos dos alunos quando observam que esse meio de transporte, gradativamente, foi sendo substituído por automóvel.

Pela imagem, podemos considerar que as carroças estejam em um estabelecimento rural, e outros sentidos podem ser produzidos, pois pode haver bovinos, suínos, caprinos e aves de várias espécies, que induz a interpretar que seriam comercializados, gerando lucros para os proprietários. Assim sendo, alguns operários organizavam o cotidiano desse estabelecimento rural, com jornada de trabalho prevista, e outros residindo no local com suas famílias.

Há outros sentidos que podem ser mobilizados através da materialidade do texto visual, como em relação a utilização das carroças, que aos poucos foram sendo substituídas por outros meios de transportes, mais velozes e seguros.

Observa-se na imagem que a carroça de tamanho menor possui dois varões para amarrar os animais que a conduziriam. Aqui, apontamos outras possibilidades de interpretação, como o tempo útil da carroça, e se não eram mais utilizadas para transporte de cargas, mantimentos ou pessoas.

Ainda podemos ver que a carroça maior possui um varão amarrado ao animal, cavalo ou boi, e pelo efeito de abertura do texto visual, remetem aos sentidos da produção agrícola, em que os grãos foram transportados por esse meio de transporte de sete décadas passadas. Pela cultura local, podemos ler na cena outros sentidos como a condução de famílias para outros locais, como festividades ou alunos para escolas rurais distantes a quilômetros.

5.6 Santos Católicos Padroeiros

As obras que apresentamos a seguir são pinturas, imagens sacras dos artistas do Grupo da Gravura de Bagé, Glauco Rodrigues e Glênio Bianchetti. A materialidade dos textos visuais mobiliza a memória coletiva, pois a cidade comemora em feriados municipais as datas festivas em torno dos santos católicos padroeiros da cidade, São Sebastião e Nossa Senhora Auxiliadora. Trazemos a imagem intitulada “Santa Tereza D’Ávila” para produzir sentido e gesto de interpretação em relação à padroeira do local e fé da comunidade há quase oitenta anos.

5.6.1 Obra Sacra “Santa Thereza D’Ávila”

A imagem a seguir é do artista Glenio Bianchetti e ornamenta a Capela do Centro Histórico Vila de Santa Thereza, em Bagé-RS. A obra sacra produz sentido pois remete as festividades referentes a santa padroeira da cidade, em 24 de maio, que tem o ponto culminante nas velas acessas nas janelas e a procissão luminosa seguida por devotos de todos os credos.

Figura 09 - Obra sacra Santa Thereza D’Ávila



Disponível em: profciriosimon.blogspot.com/2010/01/arte-sacra-sul-riograndense-03.html.
Acessado em 20 de maio de 2021.

Na imagem acima, observamos que a cor azul predomina na obra, o que leva a produzir sentido que remete à santidade, a Deus. A cena mostra uma figura feminina com vestes de freira ou santa, e está sentada, com o olhar voltado para o alto, que representa Deus, pois há um feixe de luz na cor clara. Ainda, há um deslize de sentido para outros dizeres, ao observarmos que a santa se posta atenta e observa um movimento, uma mensagem ou uma visão celestial, que será registrada no papel sobre a mesa. Na parede, suspenso, um crucifixo que produz sentido e remete que a santa, através de suas vestimentas, estaria em um convento, um orfanato ou em uma igreja, preparando-se para a missa.

Essa obra possui elementos para leituras polissêmicas, pois através da opacidade do texto visual permite deslize de sentidos, pelo efeito de abertura da obra sacra e remete a santa católica padroeira da cidade, das festividades que giram em torno das comemorações no dia dedicado a ela. A memória coletiva é mobilizada, pois os fatos regularizados sobre a história da santa procedem há quase oitenta anos.

Os acontecimentos referentes à data comemorativa da santa padroeira iniciam pela procissão com velas votivas, e ainda, estas são acessas ao anoitecer nas janelas das casas e instituições. Acender a vela e postar-se respeitosamente diante de Deus em oração, naturalizado pelas ações que se repetem mobiliza a memória social da comunidade e que está inscrita em uma Formação Discursiva da fé, e não apenas dos católicos, pois a cidade formaliza o feriado que é para toda a comunidade. E todos os moradores da cidade, sem distinção, desfrutam dos feriados municipais por ocasião das datas festivas em torno dos santos católicos que remetem ainda, as orações, ao sinal da cruz, as missas e as contribuições solicitadas aos devotos.

5.6.2 A obra sacra “São Sebastião”

A imagem a ser analisada é uma obra sacra do artista plástico Glauco Rodrigues, e apresenta o outro Santo Católico Padroeiro da cidade de Bagé, RS. As festividades ocorrem no dia 20 de janeiro, e mobiliza a memória coletiva da cidade e sua religiosidade, pois a procissão reúne muitos devotos e moradores de outros credos.

Figura 10 - Obra sacra São Sebastião



Fonte: Museu Nacional de Belas Artes-RJ
Disponível em: <https://mnba.gov.br-portal-item159-sao-sebastiao-glauco-rodrigues>
Acessado em 20 de maio de 2021.

A obra sacra acima é a imagem de São Sebastião²⁴, que é representado com ferimentos de flechas pelo corpo. Pela expressão triste e lágrima que escorre no rosto podemos interpretar que ocasionaram dores insuportáveis. As condições de produção de sentido ocorrem através dessa representação, o santo cravejado de flechas, que pode nos levar a outros dizeres, como se esse, sofrera uma punição referente a atos inapropriados ou outra ideologia de credo, outras

²⁴ <https://nucleodepesquisashistoricas.blogspot.com/2017/01/sao-sebastiao-de-bage-html>.

doutrinas que não fosse a dominante para a ocasião em que retrata a cena. O que não está evidente, refere-se a quem ocasionou seu castigo, quem atirou as flechas que perfuram o corpo do santo, que podem ser indígenas, soldados ou moradores da comunidade. E assim, instauram-se processos polissêmicos pelas materialidades do texto visual em tela, é incitado o deslizamento de sentidos, pois a imagem é provocativa, uma vez que a cena reporta há séculos passados, em que as Formações Discursivas da fé eram dominantes, autoritárias e fiscalizadoras das condutas e ética moral.

A cena mostra que o mártir está amarrado e a materialidade discursiva do texto tece fios de interpretação pelo processo polissêmico que abre possibilidades para outros dizeres, como atitudes e ações que propiciam aos homens a praticarem atos que causem sofrimento. Outro sentido para interpretação da imagem, refere-se à fé em Deus que remete à religiosidade e a empatia ao próximo.

Assim, a lei municipal decreta feriado municipal para as festividades em torno da data, e essa é comemorada com procissão, que reúne devotos católicos ou não católicos através das memórias social e histórica da cidade e mobiliza a memória discursiva para outros dizeres referentes à santidade e o que ela representa como símbolo da comunidade.

6 ANÁLISE DAS PRODUÇÕES DOS ALUNOS

O fio condutor do trabalho foi embasado na teoria da Análise do Discurso materialista que defende o uso do discurso pedagógico polêmico que promove a polissemia, e buscou analisar a produção de sentido e autoria do sujeito-aluno pelas materialidades discursivas das obras dos artistas do grupo da Gravura de Bagé que se referem à cultura local. Para realizar a análise dos gestos de interpretação dos alunos, mobilizou-se os conceitos de paráfrase e polissemia definidos segundo Orlandi da seguinte forma: (2012, p. 38): “paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo[...] e a polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos do mesmo objeto simbólico”. Assim, o sujeito, através do efeito de paráfrase, apropria-se do dizer, que não é seu, e produz um novo sentido pelo gesto de interpretação, tornando-se autor.

A técnica da gravura foi a ferramenta e o meio pelo qual os alunos utilizaram para materializar o discurso em seus textos visuais e produzir sentido referente à cultura local a partir das obras: “Salga”, “A Espera”, “Carneadores”, “Carroça e Carreta no Galpão”, “Santa Thereza D’Avila” e “São Sebastião”. A intervenção pedagógica ocorreu em uma turma do Ensino Fundamental, 5º ano, e foi realizada de 13 a 17 de setembro do corrente ano, período em que

transcorria trinta dias do retorno presencial não obrigatório dos alunos, por ocasião da pandemia do COVID-19. A Escola Municipal na qual aplicamos o projeto de intervenção, seguiu as orientações dos protocolos sanitários municipais, que permitiam um número reduzido de alunos em salas de aula, pois o distanciamento social era um dos fatores determinados pelos órgãos fiscalizadores para o retorno dos discentes. Assim, em média, contamos com dezesseis alunos que contribuíram para a realização da intervenção.

O *corpus* discursivo do arquivo de pesquisa foi construído através das etapas propostas que mostravam os operários e suas condições de trabalho na charqueada, a carroça, um dos meios de transporte para o charque e os Santos católicos padroeiros da cidade. Observamos a autoria e os gestos de interpretação nas produções dos alunos, assim como o modo que os mesmos foram afetados pelas temáticas desenvolvidas.

Os elementos para as análises foram agrupados em dois recortes com base nos processos de paráfrase e polissemia, onde dispusemos as Sequências Discursivas retiradas das produções visuais, verbais e orais dos alunos. A partir dessas Sequências Discursivas, observamos as marcas de autoria dos alunos tanto nas produções visuais quanta nas linguísticas. O propósito deste trabalho não é apresentar todos os textos visuais, verbais e orais dos alunos, mas analisar as produções de sentido e autoria a partir dos gestos de interpretação que possam ser singulares.

6.1 Cronograma das Atividades Desenvolvidas

A seguir trazemos um cronograma para melhor visualização das atividades que foram desenvolvidas.

ETAPAS DA INTERVENÇÃO	SETEMBRO 2021				
	Dia 13 60 min	Dia 14 60 min	Dia 15 90 min	Dia 16 90 min	Dia 17 20 min
1ª etapa: 120 min. Comidas Típicas: Charque	1- Ler/apreciar doze textos visuais 15 min. 2-Assistir ao vídeo: A Glamorosa História do Charque e Diálogos; 15 min. 3-Produzir obras em argila; 30 min.	4-Assistir ao vídeo: “Os homens de preto” e dialogar; 10 min. 5-Produzir gravuras no isopor; 20 min. 6-Entintar/carimbar duas obras /cor preta e branca; 10 min. 7-Discorrer em textos verbais e orais sobre suas obras expostas no mural; 20 min.			
2ª etapa: 90 min. Meios de Transportes: Carroças			1- Ler/apreciar os textos visuais das carroças; 10 min. 2-Produzir em Isopor e com o fundo musical: “Roda Carreta” e “Carreta”; 30 min 3-Entintar nas cores vermelha e verde; 10 min. 4-Carimbar no mural o isopor; 10 min. 5-Discorrer em textos verbais e orais sobre as obras; 30 min.		
3ª etapa: 90 min. Os Santos Católicos Padroeiros da cidade: Nossa Senhora Auxiliadora e São Sebastião				1- Ler/apreciar os textos visuais digitais e impressos dos Padroeiros e Igrejas; 10 min. 2-Produzir obras em isopor nas cores verde e vermelho; 20 min. 3-Entintar e Carimbar 10 min. 4-Produzir vela votiva em	

				<p>papel e celofane; 15 min.</p> <p>5-Recortar, colar e anexar no mural; 15 min.</p> <p>6-Discorrer em textos verbais e orais sobre suas obras; 20 min.</p>	
<p>4ª etapa: 20 min.</p> <p>Organizar exposição</p>					<p>Exposição dos trabalhos na sala de aula.</p> <p>Tempo previsto: 10 dias.</p>

6.2 Produção de Sentido e Efeito de Paráfrase

A partir das obras dos artistas e das etapas da intervenção mencionadas e organizadas anteriormente neste trabalho, iniciamos a Intervenção Pedagógica. Através das materialidades discursivas, observamos a produção de sentido nas interpretações do sujeito-aluno. Percebemos também que os alunos ampliaram o arquivo de leitura através dos arquivos visuais e mobilizaram a memória discursiva. E sobre a memória discursiva nos diz Fernandes (2020, p. 211) que esta “atua num movimento contínuo entre o eixo interdiscursivo e o eixo intradiscursivo, o da possibilidade e o da atualidade do dizer”. Assim, a memória discursiva é a memória dos dizeres, dos discursos e que se atualiza no momento em que o sujeito produz sentido sobre o mesmo.

A produção de sentido dos alunos foi registrada em textos verbais, visuais e orais, ou seja, depoimentos escritos, produções nas cores preto, branco, verde, vermelho, colagem com papel celofane, e também, diálogos gravados em vídeo. As obras dos artistas construídas em gravuras, contribuíram para as condições de produção dos alunos, assim como o vídeo “A Glamorosa História do Charque” que mostra, em vídeo de animação, como se formou o rebanho no Rio Grande do Sul. Ao interpretar, o sujeito-aluno atualiza o dizer e faz uma repetição parafrástica da qual agrupamos as Sequências Discursivas seguintes.

SD 01: [...] *gostei quando os tropeiros traziam o gado (CONDUZIAM) para as charqueadas então eles abatiam o gado [...]*²⁵.

A Sequência Discursiva 01 insere-se na matriz de sentido que se refere ao ciclo do charque, ou seja, como o gado era transportado até a charqueada, por tropeiros que se deslocavam das regiões brasileiras, inclusive em países vizinhos. Observamos que o gesto de interpretação do sujeito-aluno reproduz o discurso pedagógico, visto que, entre os parênteses, destaca-se a fala da professora “conduziam” o gado, o que sinaliza uma correção aplicada ao texto. Podemos ainda observar que o discurso pedagógico atuando no gesto de interpretação do aluno produz efeitos de discurso autoritário, pois incita o aluno a repetir as palavras julgadas “corretas” pelo sujeito-professor, assim, sua interpretação é afetada por esse discurso.

SD 02²⁶

Aluno 1: [...] *e depois virava charque*[...].

Aluno 2: [...] *trabalhos sobre as charqueadas*.

²⁵ A grafia ou modo de dizer do aluno foram mantidos tais quais seu registro em texto verbal ou oral.

²⁶ Os alunos estão numerados na constituição de cada SD.

Aluno 3: *aqui o que mais me chamou a atenção foi as charqueadas.*

Aluno 4: *parte que mais me interessei foi das charqueadas.*

Aluno 5: *o nome dessa carne é charque.*

Aluno 6: [...] *então eles abatiam o gado e depois colocavam na salmora.*

Aluno 7: *abatia o gado e depois tira a pele e depois vendea.*

Aluno 8: *antes eles...usavam...matavam muito os animais [...].*

Aluno 9: [...] *para as charqueadas para abaterem o gado.*

Aluno 10: *primeiramente a gente colocava na salmoura.*

Aluno 11: *e também como eles trabalhavam antigamente.*

Aluno 12: *e o jeito que trabalhavam na charqueada.*

Aluno 13: [...] *colocavam no varal e depois virava charque.*

Aluno 14: [...] *e depois colocavam por sete dias no varal.*

Aluno 15: [...] *e depois a gente pendura no varal.*

Aluno 16: [...] *gostei muito enterecei que antes eles matavam gado.*

Aluno 17: *eles produziam no meio do sol.*

Aluno 18: *espera 14 horas no dia p ficar pronta essa carne.*

Aluno 19: [...] *agora são frigoríficos.*

A SD 02 agrupa efeitos de sentidos para a função das charqueadas na década de 1950. Os alunos produzem um sentido estagnado quando interpretam “*matavam muito os animais*”, e “*antes eles matavam*”, como se o abate ocorresse apenas naquela época. São observadas ainda, duas marcas linguísticas, sendo uma o uso do pretérito imperfeito em: “*abatiam*”, “*matavam*”, “*trabalhavam antigamente*”, que fala de uma ação realizada continuamente no passado, e a outra marca quando dizem “*antes*”, como se essa ação seria executada somente naquela época. E assim, já que identificam algo do passado como já vencido, ultrapassado, percebemos que os alunos realizaram uma leitura pelo processo de paráfrase ao remeterem o discurso de mudança e superação do passado que as aulas de história, por exemplo, os levam a pensar.

Observamos ainda na SD 02, outra leitura parafrástica em que o registro foi feito pelo visual, o varal de charque, o qual a carne permanecia por vários dias até atingir a consistência desejada. O aluno, ao construir o texto visual, produziu sentido de que o abate ocorria em grande escala e o varal contém várias mantas de carne, Figura 11.

Figura 11 – Texto visual produzido pelo aluno que representa o Varal de Charque



Fonte: arquivo da pesquisadora.

SD 03: na SD 03 os alunos continuam representando essa diferença entre passado e presente em:

Aluno 1: [...] *as coisas de antes estão muito diferentes do que as de hoje em dia. ...hoje temos carros, antes eram usadas as carroças.*

Aluno 2: [...] *hoje usamos carros antes usavam carroças.*

Aluno 3: [...] *o que mais me chamou a atenção foi o meio de transporte... de como era e como é agora.*

Aluno 4: *os transportes deles era a carroça... e os cavalos sofria.*

Aluno 5: *hoje carro e moto tudo foi mudado com os tempos.*

Aluno 6: *vou mostrar as carroças que eu...mais me inspirou foi isso...*

A SD 03 pelo processo de paráfrase observamos que a interpretação singular do sujeito-aluno mobiliza seu arquivo de leitura e a memória discursiva quando revela que o cavalo “sofria”, ao conduzir a carroça com um peso superior ao que o animal suportasse. Os alunos produziram sentido para as mudanças significativas ocorridas nos meios de transportes em relação à década de 1950. O aluno produz sentido também quando observa que o abate é feito em frigoríficos, estabelecimentos que surgiram das charqueadas. Há deslizamento de sentido quando é revelado pelo sujeito-aluno que a carroça foi o tema que mais o “inspirou”, pois foi a representação que o mesmo construiu no seu texto visual, pela gravura, como observamos na Figura 12.

Figura 12 - Carroça produzida no isopor pelo aluno



Fonte: arquivo da pesquisadora.

O bloco de sentido da SD 04 reúne as produções de sentido dos alunos referentes ao Santos Padroeiros da cidade:

Aluno 1: Nossa Senhora Auxiliadora...tipo que se bota velinha na janela...

Aluno 2: pq o padre lá...quando os guerreiros foram para a guerra eles pediram, né...

Aluno 3: é pra Nossa Senhora Auxiliadora...

Aluno 4 e botaram a vela na janela para eles virem sãos e salvos.

Aluno 5: [...] aí começou todo mundo a botar... até hoje

Na SD 04 ainda observamos o efeito de sentido paráfrase referente ao tema da terceira etapa e os alunos repetem o discurso feito pela professora-pesquisadora que dialoga sobre o hábito de acender as velas nas janelas e refere-se à década em que os soldados residentes na cidade foram convocados para a guerra. Assim, seus familiares, por sugestão do padre Edgar Aquino Rocha, permaneceram em orações a Nossa Senhora Auxiliadora, com velas acesas nas janelas e todos os combatentes retornaram à cidade após o confronto mundial, em 1945. Então, originou-se as homenagens referentes à santa com a procissão luminosa e as velas acesas nas janelas no dia 24 de maio.

O uso das velas votivas, a Figura 13, é unanimemente representado nas produções da atividade construídas pelos alunos, pois esta não necessita de técnica elaborada para ser produzida.

Figura 13 - Representação da Vela Votiva pelo aluno



Fonte: arquivo da pesquisadora

Na SD 05, a seguir, observamos os sentidos que os alunos produziram para as obras de Danúbio Gonçalves:

Aluno 1: *gostei das gravuras do artista Danúbio...ia para as charqueadas.*

Aluno 2: *[...] coloca os detalhes... [...]detalhadas as gravuras... e é bem difícil de fazer*

Aluno 3: *Danúbio fazia parte do Grupo de Gravura de Bagé...ele e mais três.*

Aluno 4: *O Danúbio foi lá por uns dois ou três meses, nas charqueadas, para fazer essas gravuras.*

Aluno 5: *os artistas eram muito criativos.*

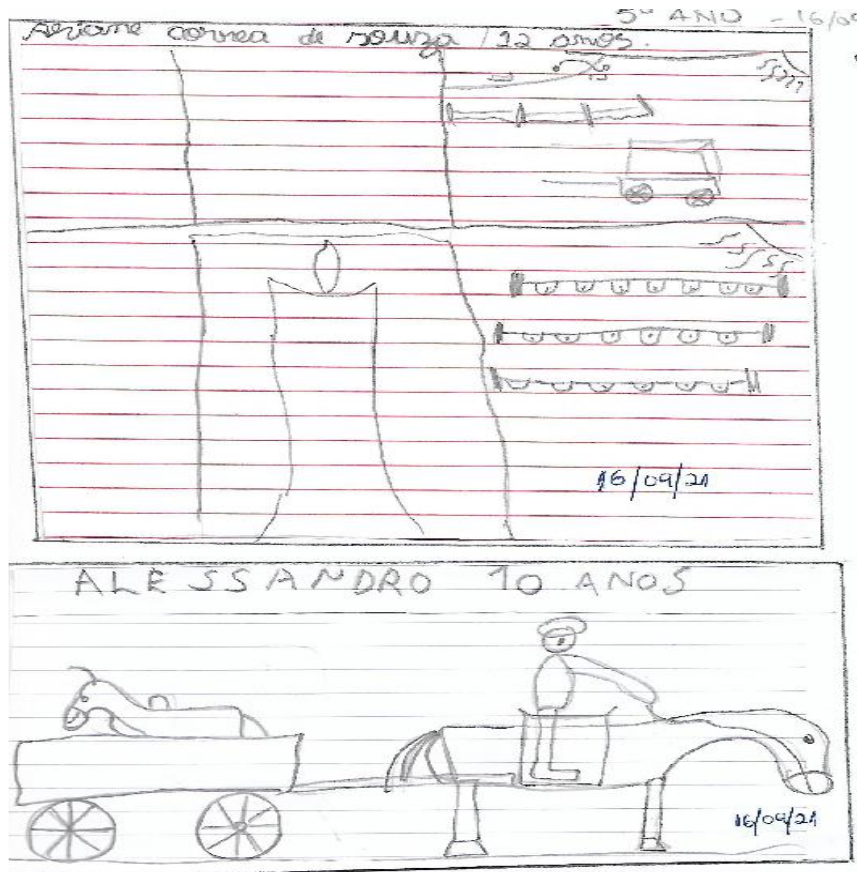
Aluno 6: *ver essa grande arte me deixou feliz.*

A SD 05 materializa os gestos de interpretação dos alunos sobre as obras dos artistas e a técnica da gravura. Os alunos observam ainda que o artista permaneceu um tempo na charqueada para produzir as imagens que revelaram o cotidiano do estabelecimento saladeiril. Através das materialidades das produções visuais elaboradas pelos alunos, observamos o processo de paráfrase através do qual é repetido o que o sujeito-professor já disse sobre as temáticas apresentadas na aula.

A SD 06²⁷: traz a produção dos alunos não alfabetizados que materializaram seus sentidos através dos textos visuais, Figura 14:

²⁷ SD 06: Alguns alunos que não eram alfabetizados produziram apenas o texto visual.

Figura 14 – Produção dos alunos não alfabetizados sobre as três etapas



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Os alunos reproduziram o discurso do sujeito-professor como mostram as materialidades do texto visual, a Figura 14. Observamos um cavalo conduzindo uma carroça e transportando um animal, o que induz que se dirigia à charqueada para o abate. Os outros textos visuais dos alunos apresentam a vela, que significa a Santa Padroeira da cidade e o varal utilizado para colocar a carne salgada. Através da leitura parafrástica, o sujeito-aluno produziu sentido e registrou, em produção visual, o que interpretou dessa temática. Para essa leitura através da imagem, citamos Fernandes e Oliveira (2014, p. 101) que dizem: “quando o sujeito escreve, visual ou verbalmente, ou lê, ele está interpretando. Ele tem a necessidade de dar sentido ao texto, pois o sujeito está exposto à opacidade do texto [...]”. O texto visual tem opacidade, ou seja, é passível de várias interpretações de acordo com o que o sujeito busca em seu arquivo de leitura e mobiliza a memória discursiva. Assim, observamos nesse recorte de análise que os alunos produziram sentido pelo processo de paráfrase através do texto verbal e visual.

6.3 Polissemia e Marcas de Autoria

O autor é uma posição-sujeito afetada pelas condições de produção e sofre um esquecimento que o divide em outras posições-sujeito. Sobre esse tema Leandro-Ferreira explana o seguinte: “[...] o autor é que assume a função social de organizar e assinar uma determinada produção escrita, dando-lhe a aparência de unicidade (efeito ideológico elementar)”. (LEANDRO-FERREIRA, 2005). O sujeito afetado pelas determinações ideológicas dos sentidos e pelas condições de produção torna-se autor, sendo responsável pelo que produz. A polissemia ocorre quando o sujeito-aluno interpreta com efeito de singularidade, com algo que o mobilizou pela exterioridade. Observamos marcas de autoria nas Sequências Discursivas a seguir pelo processo polissêmico:

Nesse bloco de sentidos, SD 01, os alunos produzem sentidos referentes às condições de trabalho dos operários na charqueada:

Aluno 1: [...] *as pessoas não tinham tênis meia...*

Aluno 2: [...] *pé discauso em chão de pedra, deve ser bastante desconfortável...*”

Aluno 3: *e lá via aquelas pessoas tendo que sentir o odor, de pés descalços... sofriam muito*”.

Aluno 4: *eles tinham que trabalhar o dia inteiro aguentar o odor e ficar de pés descalço.*

Aluno 5: *a maneira que as pessoas que ce vestem sem calçados andão de pe no chão.*

Aluno 6: *eu achei interessante a parte dos trabalhadores, eles trabalhando de pé discauso.*

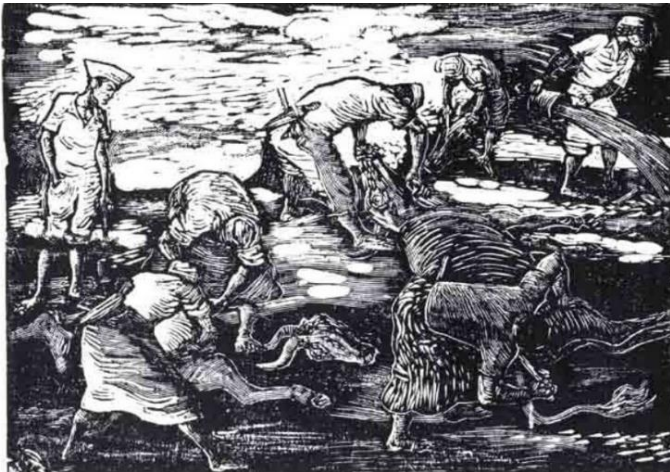
Aluno 7: [...] *descalso antigamente pra hoje mudou muito...é isso!*

Aluno 8: [...] *ficar de pés descalço.*

A SD 01 revela a produção de sentido quando os alunos interpretam que os operários trabalhavam descalços. Houve a produção de sentido quando o olhar do aluno se fixa nos “pés descalços” e foi levado para a imagem pelo *punctum* o qual Fernandes (2017, p. 221) define como sendo: “[...] o ponto de imagem que toca o sujeito, que direciona seu olhar”. O aluno produziu sentido com efeito de singularidade focando a periculosidade do trabalho ali representado, pois hoje os operários trabalham com os pés protegidos. Sobre os pés descalços ainda, observa-se que o desconforto de andar sem calçado é acentuado quando o aluno 2 interpreta o chão como sendo “de pedras”. Os alunos pela leitura polissêmica, produziram sentido quando ficaram impactados e interpretaram como se o espaço da charqueada estivesse tomado por odores desagradáveis. Estas sensações de tato e olfato não foram repetições do que disse o sujeito-professor, mas são acréscimos do sujeito-aluno à interpretação das obras, Figuras 15 e 16. Pelo processo de polissemia, notamos que os alunos foram afetados pelo vídeo

apresentado onde são retratadas condições insalubres de trabalho e, assim assumiram a autoria produzindo efeitos de sentido para as condições de trabalho nas charqueadas.

Figura 15 - Obra Os Carneadores



Fonte Gonçalves (2000)

Figura 16 - Imagem do vídeo A Glamorosa História do Charque



Print do vídeo exibido em aula na 1ª etapa “comidas típicas: o charque”
 Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jCBWWxNEri8>

Na SD 02: observamos os gestos de interpretação que os alunos produzem sobre o salário recebido pelos operários no estabelecimento saladeiril:

Aluno 1: [...] *com certeza os trabalhadores recebiam muito pouco!*

Aluno 2: *Os trabalhadores dando duro e os ricos olhando envés de ajudar.*

Aluno 3: *E também acho na minha opinião os trabalhadores não conseguiam sustentar suas famílias...eu achei interessante a parte dos trabalhadores.*

A SD 02 produz o efeito de sentido de exaustão para as condições de trabalho dos operários, e que não eram bonificados com salários dignos da função para o sustento familiar. Outro dizer do aluno é quando diz que: “*os ricos olhando envés de ajudar*”. O aluno produz

sentido para a palavra “rico”, remetendo-se à imagem que apresenta o fiscal com vestimentas adequadas e com os pés calçados, enquanto os operários estão descalços e trabalhando. Nesse sentido, podemos perceber as marcas de autoria nos discursos dos alunos pelas materialidades da obra “Salga”.

Figura 17 - Obra Salga



Fonte: GONÇALVES (2000).

No bloco de sentidos da SD 03 observamos ainda os gestos de interpretação que os alunos produzem sobre as condições de trabalho dos operários:

Aluno 1: *usavam bastante facas.*

Aluno 2: [...] *por isso que tem policiais e os policial vigia.*

Aluno 3: *Eu queria saber como eles usavam medico se eles ficassem doente tinha médico ou não”.*

Aluno 4: *antes era muito diferente como é hoje.*

Diferentes gestos de interpretação são produzidos pelos alunos ao observarem através das obras do artista que todos os operários portavam facas, instrumentos necessários para o abate, e, portanto, a atividade exigia atenção para não ocasionar ferimentos graves, e se ocorresse, haveria ou não haveria médico próximo ao local para atendimento urgente ou de rotina. Percebe-se que há marcas de autoria pelo processo de polissemia em todas as produções dos alunos que relacionam o uso de objetos cortantes com a periculosidade e, logo com a necessidade de atendimento médico, o que não foi abordado pelo discurso pedagógico.

A SD 04 apresenta o gesto de interpretação do aluno referente à terceira etapa “Santos Católicos Padroeiros da cidade:

[...] *e a metade dos guerreiros veio.*

Observamos na SD 04 que há outras possibilidades de enunciar quando o aluno diz que “metade dos guerreiros veio”, o que se refere ao contexto da guerra de 1945, em que todos os soldados retornaram.

A SD 05 reúne outras possibilidades de enunciar dos alunos que observam os registros das obras dos artistas através da técnica da gravura:

Aluno 1: nossas turmas trabalharam xilografia

Aluno 2: e hoje tudo é registrado pelo telefone, notebook e outros e antes eram registrados nas pinturas, nos desenhos...

Aluno 3: essa técnica é muito legal até porque não se usa lápis, né? é muito diferente, até a gente nem conhecia essa técnica.

Ainda, na SD 05 mostra que os alunos mobilizaram a memória discursiva quando comparam os contextos sociais da década de 1950 com os recursos tecnológicos da atualidade e exemplificam o telefone. Pelo processo de polissemia observaram que as ferramentas e utilitários mudaram, evoluíram de décadas passadas e, assim, esses enunciados revelam um gesto de interpretação singular.

Nessas Sequências Discursivas, os alunos, por diferentes gestos de interpretação, se tornaram autores através da polissemia, que dá novo sentido ao que já dito ou produzido, como as obras dos artistas, e há marcas e autoria nas produções dos alunos registradas através dos seus textos verbais, orais e visuais. Essa polissemia também é evidente nas Figuras 18 e 19. Na imagem da figura 18 os alunos representam o peão mais afastado do animal já abatido que repousa em cima de um local, que destacado, sugere uma mesa.

Figura 18 - Representação do gado no abate - produção do aluno



Figura 19 - Representação do entorno da charqueada - produção do aluno



Em ambas imagens, observamos que não houve a reprodução dos varais de charque como na maioria das gravuras feitas pelos alunos, ou o enfoque apenas do matadouro, sendo que a materialidade da Figura 19 produz um efeito mais positivo para as charqueadas, enfatizando a natureza no local em que está inserida.

6.4 Reflexão Sobre a Intervenção Pedagógica

Através do arquivo da pesquisa construído a partir da Intervenção Pedagógica, foi possível organizarmos blocos de sentidos com as Sequências Discursivas retiradas do arquivo. Posteriormente, estes blocos de sentido foram analisados por dois recortes discursivos organizados a partir dos processos de paráfrase e polissemia para, assim, observarmos a produção de sentido e marcas de autoria dos alunos, em suas produções de sentido referentes à cultura local.

Quando iniciamos o processo de Intervenção Pedagógica, os alunos ainda estavam em processo de adaptação para o retorno das aulas presenciais, por ocasião da pandemia do vírus COVID-19 e, mesmo assim, nossa intervenção foi aplicada visando alcançar os objetivos propostos, desenvolvendo uma prática em que o aluno produzisse sentidos singulares e efeito de autoria em suas produções.

A Intervenção Pedagógica oportunizou aos discentes do 5º Ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Kalil A. Kalil, através dos seus trabalhos, o conhecimento sobre a técnica utilizada pelo grupo de artistas de Bagé. Refletimos sobre os instrumentos utilizados como base, argila e isopor, para a construção das obras dos alunos e, percebemos que a primeira não ofereceu condições adequadas para a realização da etapa em que seu uso estava previsto.

O desenho é possível na superfície da argila, a Figura 20, porém, após entintar e passar para o mural, o resultado não é satisfatório como revela a Figura 21, pois a imagem não aparece nítida e se transforma em uma mancha. Em compensação o isopor demonstrou ser o instrumento ideal para a produção dos alunos, Figuras 22 e 23, pois além de ser poroso, é fácil o manuseio, contribuindo para fixar a tinta e o resultado é satisfatório.

Figura 20 - Argila Entintada



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Figura 21 - A imagem a partir da argila



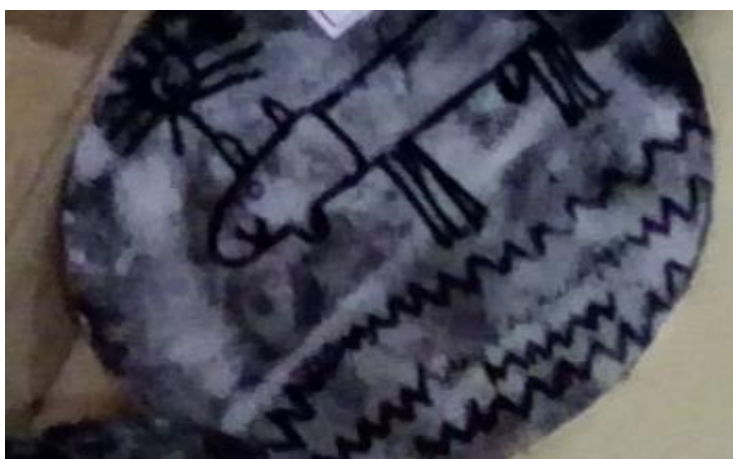
Fonte: arquivo da pesquisadora.

Figura 22 - Vela Votiva entintada



Fonte arquivo da pesquisadora.

Figura 23 - Antes - imagem do gado entintada no isopor - produção do aluno



Fonte: arquivo da pesquisadora

Figura 24 - Após - imagem do gado entintada no isopor - produção do aluno



Fonte: arquivo da pesquisadora

As etapas da “Comida Típica: em destaque o charque”, “Os meios de transportes: carroça” foram aplicadas com sucesso, e observamos a produção de sentido e autoria através das mesmas. Já com relação à etapa dos “Santos Católicos Padroeiros da Cidade”, observamos que os alunos produziram sentidos, contudo, não com o mesmo interesse e autoria que nas etapas anteriores. Assim entendemos que esta etapa possa ser substituída pelo tema: “Patrimônio Histórico Cultural da cidade”, como o Centro Histórico Vila de Santa Thereza²⁸ que originou-se da Charqueada Santa Thereza, Figura 25 que abriga, entre outros, um teatro climatizado, uma capela que guarda em seu interior a obra “Via Sacra” do artista que integrou o Grupo da Gravura de Bagé²⁹, Glênio Bianchetti³⁰.

Figura 25 - Centro Histórico Vila de Santa Thereza



Fonte: www.turismobage.com.br/pontos.php?id=38

Ao substituir a etapa dos Santos Católicos pelo tema “Patrimônio Histórico e Cultural da cidade” acreditamos que o mesmo favorecerá a produção de diferentes gestos de interpretação dos alunos, pois, para alguns, o espaço pode fazer parte do seu cotidiano, já que nos finais de semana, muitas famílias visitam o local para apreciar a natureza tomando um chimarrão, o paisagismo existente no espaço, e observar a linha férrea que ainda é utilizada para o transporte de cargas.

Em 2010, iniciou no Centro Histórico Vila de Santa Thereza o projeto intitulado “Carnaval nos tempos das marchinhas³¹”, Figura 26, que resgata as músicas, os figurinos, os adereços e os padrões dos carnavais das décadas passadas. A cada ano o evento ganha novos incentivadores e a população recebeu com entusiasmo o evento que proporciona diversão para todas as idades.

²⁸ <https://turismobage.com.br/pontos.php?id=38>

²⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=iWprA6sTnqM>

³⁰ <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10367/glenio-bianchetti>

³¹ <https://www.jornalminuano.com.br/noticia/2020/02/10/carnaval-de-santa-thereza-reune-publicos-de-todas-as-idades>

Figura 26 - Carnaval do tempo das marchinhas



Fonte: <https://www.jornalminuano.com.br/noticia/2020/02/10/carnaval-de-santa-thereza>

Essa alteração no roteiro pedagógico, possibilitará também que os alunos, observarem outras construções, outros prédios históricos da cidade, alguns tombados, que possuem uma arquitetura única, e que faz parte da história do município.

E ainda, através das atividades planejadas, os alunos podem visitar o espaço para posterior construção de seus textos visuais com o propósito de realizar uma exposição de arte.

A proposta do Centro Histórica Vila de Santa Thereza oportuniza aos professores que outras atividades pedagógicas sejam desenvolvidas com os alunos, para que apresentem outros prédios tombados, e que os levem a questionar quais os motivos que determinada construção não pode ter a fachada modificada. A cidade possui vários prédios, centenários, que são relevantes para o contexto sócio-histórico cultural, e que, através de uma proposta pedagógica é possível a produção de sentido com gesto de interpretação dos alunos em relação ao seu contexto cultural.

Entre os momentos do desenvolvimento desta etapa, poderá haver o planejamento de uma visita agendada ao Centro Histórico Vila de Santa Thereza, para explorar, observar e obter informações sobre as charqueadas no início do século XX. Assim, justificamos a temática que dá continuidade ao assunto das charqueadas e que, ao mesmo tempo, apresenta a religiosidade, de certa forma, com a igreja nela construída.

Sobre o tempo de execução das etapas foram desenvolvidas, observamos que foram suficientes para produzir sentidos referentes à cultura local, já que os alunos puderam fazer relações de sentido com seu arquivo visual e mobilizar a memória discursiva para interpretar as gravuras. Quanto as gravações feitas em vídeo pelos alunos, poderiam contemplar o espaço exterior da sala de aula, o que seria confortável para os mesmos expressarem suas interpretações

sobre as temáticas propostas. Dessa forma, acreditamos construir condições mais favoráveis de polissemia.

Os alunos do 5º Ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Kalil A. Kalil não tinham informação sobre o Grupo da Gravura de Bagé, sobre os artistas e suas obras e uma das técnicas que estes utilizaram para as obras em estudo. Através da Intervenção Pedagógica, produziram sentido em todas as etapas planejadas. Pelas condições favoráveis à interpretação, os alunos foram estimulados a produzirem sentido também sobre uma das atividades econômicas da década de 50, e os objetivos da prática pedagógica assim como os objetivos da pesquisa foram alcançados.

7 PRODUTO PEDAGÓGICO

A partir da reflexão sobre a atividade da Intervenção Pedagógica, elaboramos o Roteiro Pedagógico passo a passo que pode ser acessado pelo link: https://issuu.com/120995120995/docs/produto_pedag_reorg_para_issuu.

Esse material apresenta uma proposta de prática pedagógica que une pela Análise do Discurso, a Arte e Letras e a formação do leitor dos Anos Iniciais por meio das análises das gravuras. O Roteiro pedagógico está constituído com base em quatro temáticas que podem ser alteradas conforme o contexto social e cultural do professor interessado em aplicá-la. O roteiro propõe a organização de uma exposição de arte de gravuras produzidas com uma técnica adaptada, usando o isopor. Sugerimos esse material para substituir madeira, tendo em vista ser mais favorável para a incisão que antecede a tinta para a impressão da gravura.

As produções são apresentadas em quatro etapas e leva um tempo previsto de cinco dias distribuídos em períodos, e sugerimos, aproximadamente, dez dias para que a exposição de arte permaneça no local adequadamente escolhido. O local para organizar a mostra pode ser o espaço escolar, como o pátio, se este oferecer condições adequadas, pois é local de circulação de alunos no recreio, ou ainda, outro local fornecido pela Secretaria de Educação ou de Cultura que ofereça condições para a realização do evento. Em Bagé-RS, sugerimos, o espaço do Centro Histórico Vila de Santa Thereza³².

As temáticas se relacionam com o contexto histórico da cidade e a primeira etapa tem o tema “Comidas Típicas: em destaque o charque”. Bagé até a metade do século XX possuiu cinco charqueadas³³, que contribuíram para atividade econômica da cidade, a qual o charque era comercializado para outras regiões brasileiras e países vizinhos. A segunda etapa apresenta o tema “Meios de Transportes: carroça”, utilizada para o trabalho ou lazer em décadas passadas. A terceira etapa sugerimos um Patrimônio Histórico Cultural da cidade, o “Centro Histórico Vila de Santa Thereza”³⁴, que abriga em seu interior o teatro Santo Antônio, uma capela, a qual apresenta a obra “Via Sacra” do bajeense Glenio Bianchetti, integrante do Grupo da Gravura e Bagé. O referido espaço originou-se da Charqueada Santa Thereza que possuía uma infraestrutura com casas para os operários. A quarta e última etapa é destinada à exposição de arte, que compreende em organizar os painéis das obras dos alunos e garantir a visibilidade dos mesmos, bem como a socialização das interpretações sobre a cultura local.

³² <http://claudioantunesboucinha.blogspot.com/2010/08/visconde-de-ribeiro-magalhaes.html>

³³ <https://www.jornaldocomercio.com/site/noticia.php?codn=22996>

³⁴ <https://turismobage.com.br/pontos.php?id=38>

8 CONCLUSÃO

Através do arquivo da pesquisa construído a partir da Intervenção Pedagógica, foi possível organizarmos blocos de sentido, as Sequências Discursivas que, posteriormente foram analisadas por dois recortes discursivos que correspondem aos processos de paráfrase e polissemia. Assim, observamos a produção de sentido e marcas de autoria dos alunos, referentes à cultura local. A pesquisa teve o escopo teórico da Análise de Discurso da vertente materialista de Michel Pêcheux e mobilizou conceitos como sujeito, autor, cultura, arte, paráfrase e polissemia.

A pesquisa partiu da questão: “É possível que alunos dos Anos Iniciais produzam sentidos com efeito singular de autoria relacionados à cultura local”? Os recortes dos materiais coletados na intervenção foram selecionados com base nos objetivos da pesquisa que investigou e discutiu os procedimentos pedagógicos de desenvolvimento da autoria do texto visual por meio da análise de como os alunos dos Anos Iniciais produziram gestos singulares de sentido sobre a cultura local. Os objetivos específicos da pesquisa foram centrados em analisar as produções observando o desenvolvimento da autoria e os gestos de interpretação sobre o tema proposto, a cultura local, a partir das obras dos artistas do Grupo de Gravura de Bagé, assim como desenvolveu procedimentos pedagógicos que estimularam a polissemia em sala de aula.

A Intervenção Pedagógica contribuiu para o resultado da pesquisa, e a técnica da gravura foi uma ferramenta para auxiliar os alunos na construção de suas obras e diferentes gestos de interpretação. A intervenção se desenvolveu em três etapas temáticas, sendo elas: Comidas Típicas: em destaque o charque, Meios de Transporte: Carroça e Os Santos Católicos Padroeiros da cidade. Esta última etapa a substituímos, no Produto pedagógico, pelo “Patrimônio Histórico Cultural da cidade”, o Centro Histórico Vila de Santa Thereza. A justificativa para a substituição da etapa remete-se ao fato de que o referido espaço se originou de uma charqueada, o que dará continuidade ao tema abordado nas etapas anteriores.

Através do Discurso Pedagógico Polêmico que promove a polissemia, foi possível aos alunos produzirem gestos de interpretação singulares e autoria em seus textos verbais e visuais. No entanto, observamos que, pelo processo de paráfrase, houve também a reprodução do discurso pedagógico, visto que o aluno ainda é afetado pelas condições de produção dentro do sistema da instituição escola, um Aparelho Ideológico do Estado, e permanece preso ao dizer do professor. O Discurso Pedagógico Escolar é controlador e prevaleceu quando o aluno reproduziu o discurso do professor sem deslocar o sentido, pois acredita que está correto e, assim, mantém o mesmo sentido do enunciado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Danielle Barbosa. **Pelos caminhos do letramento visual: Por uma proposta multimodal de leitura crítica de imagens.** Linguagem em Foco. Revista do programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UECE. Vol.3. n.5. 2011. Disponível em: <revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/1848/1688>. Acessado em 31 de julho 2021.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**, 1970.
- ASSOLINI, Filomena Elaine P. **Discurso Pedagógico Escolar: Condições de produção, interpretação e a emergência da autoria.** In: TFOUNI, Leda V. *Múltiplas faces da autoria*. Ijuí. Unijuí, 2008.
- ASSUMPÇÃO, Clóvis. **Arte do Grupo de Bagé. História.** Canoas.RS. La Salle. 1975. 71p.
- AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves de; ARAUJO, Clarisse Martins de. **Abordagem Triangular: leitura de imagens de diferentes códigos estéticos e culturais.** *Revista Gearte*; Porto Alegre, v.02, n.03, p.345-358, dez 2015. Disponível em:<<https://seer.ufrgs.br/gearte>>. Acessado em 24 de maio de 2020.
- BRASIL 2017 BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR.** BNCC 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/infantil>>. Acessado em 03 de setembro 2020.
- BRASIL 1998 LEI DE DIRETRIZES E BASES.** L9394. Disponível em <http://planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acessado em 16 de agosto de 2020.
- BRASIL 1997 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS.** Arte. Brasília. DF, livro 06, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos>>. Acessado em 24 de maio de 2020.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte, MG. UFMG.1998.
- CAMPOS, Luciene Jung. **Imagens à Deriva: Interlocações entre a Arte, Psicanálise e Análise do Discurso.** Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, Teorias do Texto e do Discurso da UFRGS, 2010.
- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural.** 4 ed. Campinas, SP. Papiros, 2005.
- DE NARDI, Fabiele S. **Um olhar discursivo sobre a língua, cultura e identidade. Reflexões sobre o livro didático para o ensino de espanhol como língua estrangeira.** *Tese de Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso* – Programa de Pós-Graduação em Letras. UFRGS. Porto Alegre, 2007.
- FERNANDES, Carolina. **A Imagem da Leitura e a Leitura da Imagem.** A Contribuição da Análise do Discurso para a Assunção da Autoria nas Aulas de Interpretação de Texto. *Revista Raído.* V 9 n.19. Dourados, jul/dez. 2015, p.99-114.

_____. **Entre Fechamentos e Aberturas: a dupla face da autoria nos livros de imagens.** In: MITTMANN, Solange (org.). *A autoria na disputa pelos sentidos*. Porto Alegre: Instituto de Letras, UFRGS, 2016, p. 85-107.

_____. MILANO, Selma S. Souza. **A Escrita nos Anos Iniciais e a Emergência da Autoria Infantil.** In: NASCIMENTO, Lucas (org). *O ensino na Alemanha, no Brasil, na França e na Suécia*. Novas Edições Acadêmicas. 2015. p. 207-241.

_____. **Memória Discursiva.** In: LEANDRO-FERREIRA M.C. (org.). *Glossário de termos do discurso; edição ampliada*. Prefácio de Bethânia Mariani. 1 ed. Campinas. SP. Pontes Editores, 2020; p. 207-213.

_____. Carolina; OLIVEIRA Carla C. de Vargas. **Texto Imagético na Construção da Autoria.** *Pensares em revista*. n. 4, São Gonzalo-RJ. jan/jul, 2014, p.101-117. Disponível em: <DOI <http://dx.doi.org/10.12957/pr.2014.14116>>. Acessado em 24 de maio de 2020.

_____. **O Visível e o Invisível da Imagem: uma análise discursiva da leitura e da escrita de livros de imagem.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2017.

_____. **Procedimentos para uma intervenção pedagógica na perspectiva discursiva.** *Linguagem & Ensino*. Pelotas, v. 24 n. 3. p. 398-421. jul-set. 2021.

FILHO PALMA, João C. **O lugar da Educação em Artes na Educação Básica.** In: CHRISTOV, Luiza H.S.; MATTOS, Simone Ap. R. (orgs). *Arte-educação: Experiências, Questões e Possibilidades*. 2ª ed. São Paulo. Expressão e Arte Editora, 2011. P. 25-30.

GARCIA, Elida Hernandes. **Escritores Bageenses** – Bagé: Ed. Praça da Matriz, 2006.

GODOY, Elenilton Vieira; SANTOS, Vinício de Macedo. **Um olhar sobre a cultura.** *Educação em Revista.*, Belo Horizonte, v30, n. 03, p 15-41, jul/set 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/g9PftWn8KMYfNPBs7TLfC8D/?format=pdf&lang=pt>>

GONÇALVES, Danúbio. **Danúbio Gonçalves: Caminhos e Vivências/apresentação de Marisa Veeck; textos de Paulo Gomes, Norberto Stori et al.** Porto Alegre, RS. Fumproarte. 2000. 144p.

INDURSKY, Freda. **A memória na cena do discurso.** In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas, Mercado de Letras, 2011a.

_____. **O Enlace entre o Pictórico, o Político e o Textual.** *Anais do Enelin*, 2011b. Disponível em:<<http://www.cienciasdalinguagem.net/enelin>>.

_____. **Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso.** In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (orgs). *Práticas Discursivas e Identitárias. Sujeito e Língua*. Porto Alegre. Nova Prata. PPG-Letras/UFRGS, 2008. (Col. Ensaios, 22).

LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. **Recorte Significante na memória**. In: Leandro-Ferreira M, et.al (orgs). O Discurso na Contemporaneidade: materialidades e fronteiras. Editora Claraluz. São Carlos, 2009. p.65-75.

LEANDRO. Maria Cristina F. et.al. **Glossário de Termos do Discurso**. Porto Alegre: UFRGS. Instituto de Letras, 2005.

LEITE, José Antônio Mazza. **Xarqueadas de Danúbio Gonçalves: um resgate para a história**. 3 d. revisada e ampliada. Porto Alegre, 2011. 216p.

_____. **Xarqueadas de Danúbio Gonçalves: um resgate para a história**. 3ed. Rev. e Amp. Porto Alegre, 2011. Disponível em:<pt.slideshare.net/xarqueadas/livro.p.142>. Acesso em 01 de março de 2021.

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte: um guia para os pais**. 2 ed. São Paulo. Mestre Jou.1977. 224p.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 10 ed. Campinas, SP. Pontes Editores, 2012.

_____. **A linguagem e seu funcionamento**. As formas do discurso. 4 ed. Campinas, SP. Pontes. 2006.

_____. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5 ed. Campinas. SP. Pontes Editores. 2007.

_____. **Segmentar ou Recortar? Linguagem e História: a questão dos sentidos**. V Encontro Nacional de Linguística. PUC. Rio de Janeiro,1981.

PÊCHEUX, Michel. **Legados de Michel Pêcheux: inédito em análise do discurso**. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI Vanice. (orgs). São Paulo, SP. Contexto. 2011.

PROSSER, Elizabeth S. **Ensino de Artes**. Curitiba. PR. IESDE Brasil S.A. 2003.

QUADROS, Ana Lúcia P.F. **Gravuras na Campanha: um estudo sobre a criação do Museu da Gravura Brasileira, Bagé-RS**. Disponível em:< https://wp.ufpel.edu.br>. Acessado em 02 de abril 2021.

RIO GRANDE DO SUL; Secretaria do Estado da Educação. Departamento Pedagógico, R585r União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação. 2018. Disponível em: <http://portal.educacao.rs.gov./portals/1/Files/1531.pdf>. Acessado em 25 de julho de 2021.

RUZZA, Janete A.P. **Competência Leitora e Meio de Comunicação como Recurso Pedagógico nas aulas de Arte**. In: CHRISTOV, Luiza H.S; MATTOS, Simone A. R; (orgs). Arte-educação: Experiências, Questões e Possibilidades. 2ª ed. São Paulo. Expressão e Arte Editora, 2011.p 69-76.

SADERLICH, Maria Emília. **Leitura de imagem, cultura visual e prática educativa; Cadernos de pesquisa**; Feira de Santana, BA. v.36, n.128. p.451-472, 2006.

SANTOS, Claudio Félix. **Cultura proletária ou cultura universal? Sobre perspectivas culturais e educacionais nos primeiros anos da Revolução Russa (1917-1924)**. Revista Binacional Brasil e Argentina. v.6, n. 2. Vitória da Conquista - BA. P. 65-83. Dez-2017.

TFOUNI, L; ASSOLINI, F. **Interpretação, autoria e prática pedagógica escolar**. Revista Odisseia, n.1, 28 de jun.2012.

ZAPELINI, Clésia S.M. **A Caminho da escrita: uma análise discursiva no entremeio das produções de crianças na Educação Infantil**. Tese de doutorado da Universidade do Sul de Santa Catarina-UNISUL-Tubarão, SC. 2016.